

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DO CABELO**

Curitiba,  
2015

**ELIANE PAULA DE CARVALHO**

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DO CABELO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Paraná para a obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais.

Orientador: Ms. José Antonio Marçal

CURITIBA,  
2015

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma discussão com relação a construção da identidade negra, com um recorte de gênero, com o objetivo de perceber signos do corpo negro, principalmente das mulheres negras, que através de suas experiências com os seus cabelos, desde a infância até a fase adulta, trazem requisitos importantes para um entendimento das relações étnico-raciais no Brasil. Perceber as representações da mulher negra, significa buscar entender como a mulher negra pode ser responsável para a manutenção da história e da cultura negra. O cabelo da mulher negra, pensado como mecanismo de identidade, dá a possibilidade de entender como a naturalidade da estética negra pode servir para marcar a identidade da própria população negra, já que as mulheres negras desde a infância até a fase adulta tem nos cabelos uma extensão de sua condição feminina e de seu próprio reconhecimento como negra. O trabalho dividido em capítulos busca promover uma discussão sobre o que é ser negro, identidade negra através da linguagem, do corpo, do comportamento, com a centralização da discussão na estética do cabelo, que é entendido como elemento norteador da identidade da mulher negra. Para tanto, busca-se relacionar estudos de diversos autores que se preocuparam em estabelecer pesquisas sobre a estética negra, com o cabelo como elemento central. A organização do trabalho se dará na dinâmica de discussão a cerca da identidade negra, da diferença entre mulheres negras e mulheres brancas, partindo do pressuposto da estética capilar, para entender as ações das mulheres negras ao longo de suas trajetórias históricas e seus reflexos no comportamento de meninas negras hoje.

## **ABSTRACT**

This paper presents a discussion regarding the construction of black identity , with a gender , in order to perceive signs of the black body, mostly black women , who through their experiences with their hair , from childhood to the stage adult , bring important requisites for an understanding of the ethnic- racial relations in Brazil . Realize the representations of black women , means seeking to understand how the black woman may be responsible for the maintenance of history and black culture . The hair of black women , thought of as identity mechanism gives the possibility to understand how the naturalness of black aesthetics may serve to mark the identity of the Black population , since black women from childhood to adulthood , has in her hair an extension of her womanhood and her own recognition as black . The work is divided into chapters seeks to promote a discussion about what being black , black identity through language , body , behavior, with the discussion centering on the aesthetics of hair, which is understood as the guiding element of the identity of the black woman . To this end, we seek to relate studies of several authors who bother to establish research about black aesthetics, with hair as a central element . The organization of work will take place in dynamic discussion about the black identity, the difference between black women and white women, assuming capillary aesthetics, to understand the actions of black women throughout their historical trajectories and their effects on behavior Ebony girls toda

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	6
<b>2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE NEGRA</b>	8
2.1 O QUE É SER NEGRA (O)	8
2.2 A IDENTIDADE NEGRA E SUA RELAÇÃO HISTÓRICA	11
2.3 A LINGUAGEM E A IDENTIDADE NEGRA	12
2.4 O COMPORTAMENTO NEGRO E SUA IDENTIDADE	15
2.5 A IDENTIDADE NA COR DA PELE NEGRA	16
<b>3. A MULHER NEGRA</b>	20
3.1 MULHER NEGRA E MULHER BRANCA – O COTIDIANO DE DIFERENÇAS	20
3.2 A IMAGEM DA MULHER NEGRA	22
<b>4 O CABELO COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA</b>	27
4.1 A DITADURA DA ESTÉTICA BRANCA	27
4.2 CABELO CRESPO – IDENTIDADE E RESISTÊNCIA	31
4.3 AS CONTRADIÇÕES DO CABELO NA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA	36
<b>5 ESTUDO DE CASO</b>	43
5.1 A ESCOLA JOÃO RIBEIRO DE CAMARGO	43
5.2 A FALA DAS ESTUDANTES NEGRAS	47
5.2.1 Negra?	48
5.2.2 Lembranças da Infância	50
5.3 ANALISANDO O DISCURSO	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	58

## 1. INTRODUÇÃO

Discutir o que é ser negra (o) no Brasil, é abrir um leque de possibilidades de análise sobre a identidade étnica da sociedade brasileira.

A nação brasileira é formada por diversos grupos étnicos e esses são representados em suas especificidades, uns com representações maiores, outros com menores representações.

Nesse contexto, a população negra, apesar de ser mais da metade da população brasileira, tem sua representação diminuída quando comparada a população branca. O Estado brasileiro tem na sua Constituição Federal, no Artigo 5º, que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” (BRASIL, 1988), porém a prática é bem diferente, uma vez que no Brasil o pertencimento étnico-racial define posição social, econômica e política.

O cotidiano das relações étnico-raciais não se relaciona com a os preceitos de igualdade da Constituição Federal, pois brancas (os) e negras (os) não têm as mesmas representações nos diversos espaços sociais, econômicos e políticos do país e ainda há uma hierarquização dessas etnias, referente à cultura.

A cultura da branca de viés europeu, no Brasil, tem uma vantagem com relação às outras etnias. Quando comparada a etnia negra, vê-se um abismo na diferença de representações dessa cultura a cultura branca, abismo esse provocado pelo discurso e práticas racistas que impedem o desenvolvimento, a valorização da cultura negra.

A população negra não consegue estabelecer padrões de representações da sua própria cultura, sendo induzido a permanecer na negativa da sua cultura ou ainda, buscando referenciais de cultura do branco, que é a etnia dominante no jogo das relações étnico-raciais, o que ocasiona uma perda da identidade negra.

Desvendar o que é essa identidade perdida e como isso se relaciona com a construção da própria ideia de cultura negra, se transforma hoje, em ponto de partida para discutir sobre os referenciais que marcam negras (os) como cidadãs e cidadãos. A identidade da população negra passa pela discussão do que é ser negra (o) no Brasil.

Ao fazer-se um recorte de gênero, remete-se ao estudo das mulheres negras e assim abre-se caminho para discutir primeiramente o que é ser negra (o), com o objetivo de compreender a sua relação com a história do Brasil e o legado

que essas mulheres e homens deixaram na cultura brasileira, desde a linguagem, perpassando pelo comportamento, a cor da pele, em uma tentativa de buscar entender como esse legado histórico influencia na construção de uma identidade da mulher negra.

Para tanto vale ressaltar como as mulheres negra se relacionam em uma sociedade impositiva de uma cultura branca, quais as representações que as mulheres negras encontram no mercado de trabalho, nos meios midiáticos e como essas representações são responsáveis em criar os mecanismos que dificultam a construção de uma identidade de mulher e negra.

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir a identidade da mulher negra, através de um dos símbolos mais representativos em uma mulher, o cabelo. No caso das mulheres negras, essas discussões passam pela estética do cabelo crespo versus os alisamentos, a estética negra versus a estética branca. Há a possibilidade, então, de buscar entender o racismo que se encontra na construção de uma estética dominante.

Na esteira desse objetivo dar-se-á a discussão sobre o que ser negra (o), o que é ser mulher negra, suas relações com o racismo nos diversos setores da sociedade, finalizando com um estudo de caso, com a possibilidade de perceber a visão de meninas negra com relação à questão da identidade a partir do cabelo.

Para realizar essa discussão será utilizado fontes de diversas autoras (es) que estudam a temática da identidade negra, racismo e a questão estética a partir do cabelo.

Os temas do trabalho devem fazer uma discussão com relação à identidade negra, o que é ser negro, a relação da identidade negra com a linguagem histórica, comportamento, cor de pele da população negra, além de buscar diálogo entre a teoria e as experiências de estudantes negras, com o objetivo de compreender o processo e identificação étnico-racial da mulher através da estética de seu cabelo.

Discutir a identidade da mulher negra através do cabelo, abre a possibilidade de entender as relações étnico-raciais no Brasil e como a mulher negra está inserida nesse contexto.

## 2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE NEGRA

### 2.1 O QUE É SER NEGRO (A)

A definição da identidade do negro (a) é um dos grandes debates nos estudos sobre relações étnico-raciais na academia e fora dela também.

O que é ser negro (a) na sociedade brasileira? Esse é um questionamento presente na sociedade contemporânea, que marca o conflito de identidade do qual são vítimas homens e mulheres negros (as) todos os dias, a partir do momento em que as políticas públicas para a população negra se estabelecem como realidade das ações educacionais (programa de cotas nas universidades públicas, por exemplo) e não educacionais (a Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, por exemplo), a definição do que é ser negro toma proporções que atingem todos os setores da sociedade e diferentes classes sociais.

A identidade negra perpassou por muitos anos pela sua caracterização física, ou seja, a cor da pele escura, o cabelo crespo, os lábios grossos, o nariz adunco, eram estereótipos dos considerados negros (as). Havia uma classificação de quem seria negro (a) e quem não seria. A identidade cultural e a ancestralidade não eram levadas em consideração, no momento de definição de quem seriam ou não negras (os).

Pode-se entender que

A identidade reúne as características de um grupo social a partir das quais se diferencia ou se preocupa diferenciar de outros grupos com os quais mantêm relações, em geral conflituosas. Nem sempre a diferença reivindicada pelo grupo é real, mas si ilusória. A identidade deve ser entendida como processo, e não como algo imutável. (VALENTE, 1994, p. 86)

A própria população negra discute o que é ser negro (a), quem é negro (a), o que marca essa negritude, se é o fenótipo ou sua ancestralidade e identificação cultural. A mestiçagem brasileira cria uma grande interrogação na questão da identidade negra, há uma dificuldade em definir a identidade negra, pois definir quem é ou não negro (a) no Brasil passa pela necessidade de construção de um novo entendimento das relações étnico-raciais, do que realmente faz uma pessoa ser considerada pertencente a uma determinada etnia, cultura ou identidade.

O processo de identificação com um grupo, o reconhecimento da identidade, é sempre um processo marcado pela diferença, definido pela



inclusão e exclusão, pois, quando eu afirmo o que eu sou deixo subentendido o que eu não sou. Ao afirmar: Sou negra – me incluo e me identifico com um determinado grupo. Quer dizer que eu não sou branca. A afirmação e a negação caminham juntas, assim como a identidade e a diferença. (BARBOSA, 2007, pag. 6)

Quem define quem é negro (a) na sociedade brasileira? Nas certidões de nascimento, a presença do item raça/cor definia as pessoas. O preto poderia ser considerado, então, o negro, porém é preciso definir que o termo negro (a) naquele momento ainda não tinha a mesma força e conotação política de hoje, ainda se estabelecia a cor de pele como característica central para definir o pertencimento étnico-racial.

Definir-se como negro (a) têm suas dificuldades em uma sociedade cuja cor da pele estabelece hierarquias sociais, econômicas e culturais. As relações de poder entre os identificados como negros (as) e brancos (as) não ocorrem de maneira igualitária. Nunca vivemos em uma democracia étnico-racial, portanto, quando se tem a consciência de seu pertencimento étnico se começa a perceber o outro a partir das diferenças que marcam cada um dos indivíduos.

Se em uma sociedade cujo fenótipo define a possibilidade de cada indivíduo e for negro (a) não garante acesso igualitário a todas as possibilidades, então se identificar como negro (a) não é uma tarefa tão fácil. “As características fenotípicas são as que qualificam exterior ou aparentemente o indivíduo; não são hereditárias, embora possam ser condicionadas por fatores hereditários”. (VALENTE, 1994, p. 86)

Se o outro tem acesso a tudo o que a sociedade pode oferecer, isso facilitado pela cor de pele e sua identidade branca, então porque se definir como negro (a) se isso irá trazer prejuízo e dificultar o acesso às pessoas que não se encaixam nesse padrão identitário?

Esse questionamento se traduz na dificuldade ou negação de parte da população negra em buscar definir sua identidade, uma vez que a negação da identidade negra é uma maneira de consolidar a possibilidade de ter acesso a setores na sociedade brasileira, que são estabelecidos a partir do seu pertencimento étnico-racial. Nem todos os (as) negros (as) tem consciência de seu pertencimento étnico-racial, alguns se eximem da responsabilidade de se identificar, outros procuram uma identidade que lhes traga menos conflito social e aqueles que assumem sua identidade negra, geralmente passam a estabelecer não somente um reconhecimento étnico-racial, mas também cultural e ancestral.

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. (MUNANGA, 2009, p. 11)

Geralmente os (as) negros (as) que se identificam como tal são aqueles (as) politicamente engajados no Movimento Social Negro, ou que de alguma maneira são investido nos discursos e ideologias criadas a partir da ação política desses grupos. O fenótipo do indivíduo negro não garante que esse indivíduo se identifique como negro. No Movimento Social Negro nem todos os integrantes tem fenótipos negroides, muitos em uma sociedade como a brasileira poderiam se identificar como brancos, porém os engajamentos políticos o fazem defender uma identidade ancestral negra e uma defesa das causas do povo negro. É importante frisar a presença no Movimento Social Negro de indivíduos que se identificam como brancos, mas que vem somar na luta de negros (as).

Partindo desse pressuposto, não podemos afirmar a existência de uma comunidade identitária cultural entre grupos de negros que vivem em comunidades religiosas diferentes, por exemplo, os que vivem em comunidades de terreiros de candomblé, de evangélicos ou de católicos, etc., em comparação com a comunidade negra militante, altamente politizada sobre a questão do racismo, ou com as comunidades remanescentes dos quilombos. (MUNANGA, 2009, p. 11)

A história ancestral é uma das maneiras condicionantes para a construção de identidade de um povo, a partir do momento no qual os indivíduos percebem serem pertencentes a um grupo com os mesmos traços históricos. Com relação à população negra, essa história contada nos livros didáticos, nos bancos escolares e na formação de professores, negou a valorização da cultura negra. A história de negros (as) no Brasil foi tratada como secundária, não esteve presente nos currículos escolares, foi sempre uma história ligada à questão da escravidão, ao trabalho, ou ainda folclorizada no carnaval e no futebol.

Até lei 10.639 de Janeiro de 2003, a história dos africanos e afro-brasileiros não era contemplada nas escolas, não que hoje isso seja realidade em 100% das escolas, porém por peso da lei e ação do Movimento Social Negro, conjuntamente com a sensibilização por parte de educadores (as), hoje a história e cultura da população negra está presente de maneira valorosa dentro da escola e consequentemente estendendo-se para fora dela também.

A não contemplação da história da população negra de forma a valorizar os indivíduos negros (as) levou negros (as) brasileiros (as) a não se perceberem parte da história da construção do próprio país, pois o sofrimento da escravidão é um passado que não traz orgulho para a população negra e essa identificação com a condição de escravo lhe remete a condição de subalterno, de indivíduos que aceitaram naturalmente essa condição de subordinação.

Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores (HARKOT-DE-LA-TAILLE & SANTOS, 2012, p. 8).

## 2.2 A IDENTIDADE NEGRA E SUA RELAÇÃO HISTÓRICA

Quando se trata de identidade não se pode negar que relação histórica de um povo é responsável pelo entendimento que os indivíduos atuais têm de sua própria representação enquanto sujeitos. Um exemplo disso são os descendentes de povos europeus presentes no Brasil pela descendência da imigração europeia, orgulhos de sua história repleta de heróis, de feitos romantizados pelos livros, inclusive didáticos, cujos personagens aparecem como vitoriosos, com uma epopeia repleta de cenas de valorização étnica.

No caso da população negra essa história não aparece da mesma maneira, há uma forte tendência a ligar o (a) negro (a) a escravidão e após a abolição se faz a recusa da presença negra na sociedade brasileira, não havendo condições desse negro (a) encontrar-se na própria história do país.

Para uma criança que está construindo uma identidade, aprender que os seus iguais eram “escravos”, pessoas que somente estavam presentes em um imaginário que os coloca como os sem cultura, próprios apenas para o trabalho, sem contribuição para o desenvolvimento da sociedade, essa criança faz a negativa com a identidade negra, ela tem dificuldade em definir seu pertencimento a população negra. Essa criança procurará outra identidade ou fará a negação da sua condição de negra.

Para estabelecer uma identidade étnico-racial, portanto, é fundamental estabelecer uma relação da história com o indivíduo, é preciso mostrar que esse indivíduo tem história e trazer à tona os valores positivos dessa história, até mesmo

para estabelecer uma maneira de trazer orgulho e reconhecimento para esse indivíduo.

O fator histórico parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade. O essencial para um povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. (MUNANGA, 2009, p. 12)

Quando o (a) negro (a) não consegue identificar-se com a sua própria história de uma maneira valorosa, ele acaba buscando outros elementos históricos que o situem na sociedade de uma maneira a valorizar suas raízes e origens étnicas. É o que ocorre com alguns indivíduos negros com fenótipos não marcadamente negroides. Esses indivíduos passam a buscar raízes europeias e uma tentativa de identificação com outros indivíduos dominantes na estrutura política, social, econômica e cultural que rege a sociedade, principalmente no Brasil.

### 2.3 A LINGUAGEM E A IDENTIDADE NEGRA

Outro fator para determinar a identidade de um indivíduo é a língua, pois essa é um dos mais fortes elementos de identificação de um povo. No Brasil, o falar português marca a presença do colonizador, do explorador, do escravizador. As línguas dos povos indígenas e de origem africana aparecem no vocabulário do português falado no Brasil, porém não há o reconhecimento dos linguistas brasileiros da contribuição das palavras de origem indígena ou africana na formação da língua falada dos brasileiros.

Esse não reconhecimento se estrutura na negativa da presença indígena e africana na construção histórica e cultural do Brasil, é como se a língua portuguesa praticada no Brasil não trouxesse elementos culturais da África e povos indígenas. Ao reforçar esse discurso, deixa-se de dar possibilidade aos indivíduos negros a identificarem-se na própria língua falada.

Palavras como “banzo”, “caçula”, “bagunça”, “curinga”, “moleque”, “dengo”, “gangorra”, “cachimbo”, “fubá”, “macaco”, “quitanda”, etc., são utilizadas no cotidiano dos brasileiros, porém não há na escola, na alfabetização das milhões de crianças a relação entre essas palavras e a África. Tais palavras foram incorporadas a língua

portuguesa utilizada no Brasil, porém sem a mínima preocupação de perceber essas palavras e muitas outras a cultura africana.

Como um dos fatores de identidade de um povo está em sua língua, ao descaracterizar as palavras de origem africana da língua portuguesa, se está descaracterizando também a identificação linguística dos descendentes de africanos com sua própria língua. Ao se imaginar uma criança sendo alfabetizada em uma escola brasileira e que tem contato com palavras de origem africana e não é esclarecido a ela que tais palavras são de origem africana, se está retirando a possibilidade de conhecimento, conseqüentemente valorização cultural.

Se essa criança for negra, o resultado é mais perverso, pois a criança negra não terá as condições de perceber que a língua de seus ancestrais influencia língua que ele fala e escreve, percebendo mais uma importante contribuição dos ancestrais na cultura do país. Essa criança pode perceber que elementos da africanidade estão presentes nas palavras que ela escreve e fala, apesar de ser chamada de língua portuguesa, apesar de uma identidade que não remete a África ancestral.

Os locais que ainda atendem a uma permanência da língua de matriz africana são os terreiros de Candomblé, os quais tentam resgatar o loruba, língua de origem da atual Nigéria, utilizada quando há o culto aos Orixás, porém é importante frisar que os terreiros e os cultos neles praticados, no Brasil não têm a mesma exposição de mídia e imagem do que outras religiões e por isso a linguagem usada no Candomblé não chega até a comunidade, inclusive a comunidade negra. A língua passa a ser exclusiva apenas dos iniciados na religião.

MUNANGA relata que

quanto ao fator linguístico, não podemos dizer que a crise foi total, pois nos terreiros religiosos persiste uma linguagem esotérica que serve de comunicação entre os homens e os deuses (orixás, inquices) que continua a ser um fator de identidade. Nas outras categorias foram criadas outras formas de linguagem ou comunicação como estilos de cabelos, penteados e estilos musicais que são marcas de identidade. Algumas comunidades rurais negras isoladas teriam conservado estruturas linguísticas africanas enriquecidas com vocábulos e expressões de língua portuguesa. (MUNANGA, 2009, p. 13)

Além da língua, outros elementos apresentam-se como importantes no processo de identificação dos (as) negros (as), tais como o cabelo e os estilos musicais que remetem a cultura afro.

Os penteados afros são marcas de identidade da população negra, que atualmente tentam construir uma identidade através de uma estética de afirmação de pertencimento étnico. Não é mais incomum encontrar nas ruas homens e mulheres com penteado Black Power, com tranças e penteados que remetem a cultura africana, porém mesmo com a busca da valorização estética dos penteados afro, ainda não se conseguiu romper com os laços eurocêntricos de uma estética dos indivíduos chamados de brancos, cujos cabelos lisos caracterizam uma estética considerada bela e mais aceita culturalmente e socialmente.

Assim, os (as) negros (as) opositoristas da estética eurocêntrica apresentam uma dificuldade para serem aceitos socialmente com seus estilos de penteados, os quais fogem do padrão cultural marcadamente branco e europeu. Um exemplo disso é a proliferação dos salões de beleza que trazem a técnica de alisamento do cabelo, cujas mulheres negras passam a fazer tratamentos químicos para alisar seus cabelos na busca de uma identidade estética mais valorizada na sociedade brasileira, cuja cor de pele e estética capilar é marcadamente elementos de valorização e aceitação social.

Na questão dos estilos musicais, a população negra traz sua linguagem em estilos como o reggae, samba, axé, hip-hop, funk, ritmos regionais de matriz africana, com o uso de palavras, ritmo, percussão e letras de músicas, que buscam resgatar a ancestralidade negra ou inserir temáticas presentes no cotidiano da população negra, porém há a necessidade de discutir como a mídia trata os (as) cantores (as) negros (as).

A mídia brasileira, principalmente a televisiva, não tem uma preocupação em estabelecer o estilo de linguagem musical negra, com referências culturais, ou ainda, com qualquer discussão com relação à condição da população negra brasileira. Entre os estilos musicais negros vinculados na mídia televisiva ou radiofônica, apenas músicas comercialmente aceitáveis são exibidas, tanto na televisão como no rádio.

Letras com referenciais provocativos a reflexão a cerca de questões tabus, como racismo e preconceito, por exemplo, ou são vinculadas em menor escala, ou não conseguem espaço midiático de destaque. Então, artistas como Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e outros, somente conseguem levar sua música a mídia por não ter como preocupação central estar discutindo as questões tabus das relações étnico-raciais no Brasil. Os rapper, por exemplo, não

tem acesso a grande mídia, pois fazem uma música cujas letras buscam denunciar a situação de discriminação dos quais os (as) negros (as) são vitimados (a) no cotidiano da sociedade brasileira, inclusive pela própria mídia.

A dificuldade de vinculação da música de raiz negra as questões como racismo, faz a população se identificar com os ritmos, com a dança, porém sem conseguir usar essas músicas na reflexão sobre as questões étnico-raciais. É como se a música negra não tivesse nenhum engajamento político, ficando no plano do entretenimento, do folclore. A imagem exótica é trazida para a música negra e apresentada na mídia como música desengajada das discussões das relações étnico-raciais, favorecendo o não uso desses estilos musicais para a tomada de consciência da própria identidade negra, partindo do pressuposto que essa identificação passa pelo entendimento do debate sobre questões das relações étnico-raciais.

## 2.4 O COMPORTAMENTO NEGRO E SUA IDENTIDADE

O comportamento de negros e negras também é encarado como fator de identidade, quando se pensa em como é o temperamento psicológico de negros (as), muitas vezes visto como um comportamento “festivo”, “sexual”, “oprimido”, “desorganizado”, etc. Essa visão sobre o (a) negro (a) traduz uma ideia que coloca a população negra em xeque sobre a sua própria identidade, pois quem defende as manifestações comportamentais citadas acima estão tentando colocar o (a) negro (a) em uma posição de submissão em relação aos outros grupos étnicos, principalmente os brancos, que aparecem na condição de terem comportamentos, cujas características são “seriedade”, “orgulho”, organização, “inteligência”, etc. Há claramente um intenção de criar uma identidade negra problemática, traduzida na divisão étnico-racial alimentadora do racismo, principalmente no Brasil.

A interação comunitária presente em comunidades negras como as comunidades quilombolas, os terreiros de Candomblé, as Escolas de Samba e outras, mostram quer as diferenças comportamentais entre negros (as) e brancos (as) são pautadas na questão histórica de grupo e proteção contra a opressão, no caso dos (as) negros (as), proteção contra o processo de escravidão, racismo e toda a carga de preconceito estabelecido no Brasil ao longo da história do país.

O fator psicológico, entre outros, nos leva a nos perguntar se o temperamento do negro é diferente do temperamento do branco e se

podemos considerá-lo como marca de sua identidade. Tal diferença, se existir, deve ser explicada a partir, notadamente, do condicionamento histórico do negro e de suas estruturas sociais comunitárias, e não com base nas diferenças biológicas como pensariam os racialistas. (MUNANGA, 2009, p. 13)

Não é uma questão biológica de definição de quem é superior ou inferior, a questão é como grupos étnicos se comportam enquanto grupos, como suas comunidades se organizam socialmente e como essa organização permeia o comportamento dos seus indivíduos.

## 2.5 A IDENTIDADE NA COR DA PELE NEGRA

A pele negra é sinônimo de contradição étnica, quando comparada com a cor traduzida na sociedade como sendo sinônimo de perfeição, de beleza, de limpeza, ou seja, a pele branca.

Essa contradição está na ideia de ser a pele negra sinônimo de tudo o que é imperfeito, feio, sujo. A sociedade ao longo de muitos séculos construiu a imagem da perfeição humana, o ser humano de cor de pele clara, esse seria dominante apenas pela cor de sua pele. Essa ideologia que cruzou séculos da história chega ao século XXI ainda presente nos discursos de várias pessoas brancas e também não brancas, que ao justificarem o preconceito que sentem contra seres humanos diferentes, atribuem à cor da pele como fator de diferenciação entre as pessoas e hierarquização de poder e oportunidades de vida, com a população de pele branca sempre em vantagem em relação àqueles com a pele negra.

No Brasil, cuja cor de pele tem posição econômica e aceitação social, ter a pele mais ou menos escurecida tem significados diversos. Os (as) chamados (as) mestiços (as), por exemplo, aqueles (as) que têm descendência branca e negra e apresentam características fenotípicas, cuja cor de pele não é acentuadamente escura, passam despercebidos (as) do racismo, ou seja, eles (as) são melhores aceitos no meio social, mas há de lembrar que se as características fenotípicas dessa pessoa apresentam traços marcadamente negroides, então a possibilidade de aceitação desse indivíduo diminui. Ele passa a ser visto como um negro, já que no Brasil o “Racismo de Marca”<sup>1</sup> é que define quem terá mais chances de ser vitimizado pela ação racista.

Isso cria um grande impasse, ou seja, quem quer ser negro (a) no Brasil. Se for negro (a) significa ter dificuldades sociais, econômicas, ser vítima de toda carga



de preconceitos, então querer ser negro (a) é uma decisão difícil para qualquer indivíduo. Se ele (a) tiver uma pele escura, a sua identificação fica quase automática, não que ele (a) se defina como negro (a), mas na sociedade brasileira, nas relações de poder, na vida social, haverá um olhar diferenciado sobre esse indivíduo, olhar esse que partirá da cor da sua pele.

Muitos negros (as) negam sua identidade, mesmo com a cor da pele escura, denunciando sua ancestralidade negra. Muitos se identificam como indígenas, em um propósito de diminuir a carga de preconceito, já que no Brasil ser de origem indígena, mas estar ambientado no mundo urbano, principalmente, significa não ser “índio”. No Brasil o preconceito contra os povos indígenas se concentra na população que ainda vive inserido nas tradições dos seus antepassados, a pele escurecida dos descendentes de indígenas é atribuída comumente aos negros (as), assim quando uma pessoa é apontada como negra, muitas vezes se utiliza da negação de sua identidade negra colocando-se como indígena.

Quando o (a) negro (a) recusa sua identidade mesmo com uma pele escura e outras características fenotípicas que o identificam como negro (a), ele (a) entra em contradição com sua aparência, àquilo que ele (a) parece ser e aquilo que ele (a) quer ser. Ele (a) não quer ser negro (a), porém não pode ser branco (a), já que no mundo dos brancos ele não será aceito como igual, já que a cor de sua pele o (a) denuncia como negro (a).

O negro não querendo ser negro e não conseguindo ser branco através de seus descendentes coloca-se, como pessoa, num impasse: “ser sem querer ser” versus “querer ser sem poder ou conseguir”. Somente quando toma consciência disso, é que o negro pode vir a passar por um processo através do qual ele assume o que na verdade é: negro. (VALENTE, 1994, p. 45)

A não aceitação ou a falta de identificação da pessoa como negro faz do indivíduo ter dificuldades para a luta contra a discriminação racial que ele sofre no cotidiano, pois quando não há esse autorreconhecimento o indivíduo passa a não ter uma referência para se apoderar contra os preconceitos, esse indivíduo acaba se tornando um alvo fácil dos processos de discriminação racial a partir do momento em que os racistas procuram vitimizar com mais ênfase, aqueles que não se omitem em se identificarem etnicamente. Segundo BARBOSA (2007, p.6) “o pertencimento a um grupo simbolicamente, privilegiado, traz mais vantagens do que pertencer a um grupo que é historicamente estigmatizado de forma negativa”.

Afirmar sua identidade étnica significa fazer parte de um grupo de pessoas que sabem exatamente quais os caminhos a serem tomados no sentido da luta por espaço de poder na sociedade, é definir a que grupo étnico pertence, é direcionar ações coletivas que buscam a melhoria da condição social, econômica e política sua e de seus pares.

Uma das grandes dificuldades do Movimento Social Negro no Brasil é conseguir agregar membros, pois a concepção do que é ser negro (a), que no Brasil passa pela cor da pele, muitas vezes desagrega, por vezes as demandas do Movimento Social Negro não consegue estabelecer um diálogo com os indivíduos que não se identificam como negros, mas que no cotidiano são tratados assim.

As pessoas que se identificam como brancas e o fazem pela tom de pele, geralmente conseguem estabelecer força de ação coletiva, elas geralmente não colocam em xeque quem são e a que etnia pertence. Essa ação firme faz com que os indivíduos autoidentificados como brancos consigam criar um corporativismo e estarem à frente nas relações de poder na dinâmica da sociedade brasileira.

Não reconhecer-se etnicamente faz dos (as) negros (as) um fator de favorecimento ao discurso racista de falta de organização, de desajuste social, de incompetência, alimentando os vários discursos racistas que procuram colocar os (as) negros (as) em condição de subalternidade, de inferioridade, mostrando que a falta de identidade está vinculada a falta de organização, seja política, seja social e econômica.

Segundo VALENTE (1994, p. 46) o (a) negro deve sim buscar assumir sua identidade negra, pois “assumindo uma identidade própria, o negro é então capaz de combater e se livrar da identidade negativa imposta pelo branco. Ao ser considerado e reconhecer-se negro, tem a possibilidade de lutar por um tratamento igual, mantidas as diferenças”.

Há de se discutir também sobre a identidade da pele negra no sentido de saber o que é pele negra, qual é o tom de pele que define quem é negro. Há pessoas com pele clara que se definem como negros, essa identificação coloca em discussão do que realmente é ser negro.

Qual seria a cor da pele de uma pessoa para que essa se identifique como negro? Uma pessoa de cor de pele escura pode se identificar como branca? Então, a pele passa a ser um mecanismo de identificação, porém ela não pode ficar isolada no processo de identificação étnico-racial, pois essa identificação deve ser

estabelecida pela identidade cultural, ancestral.

VALENTE (1994, p. 46) traz uma discussão importante para essa reflexão. Ele define que “ser negro é ser identificado como negro e reconhecer-se negro”, porém o autor cria outra discussão a cerca das seguintes questões: “E se um negro não quiser ser negro? E se um negro não for reconhecido como negro? E se um mulato não quiser ser negro? E se um branco for reconhecido como negro?”

Essas questões criam uma discussão sobre identidade, se ela passa pela cor da pele, ou está mais intrínseca a questões de reconhecimento cultural, político e ancestral. Se somente a cor da pele é usada para definir quem é ou não negro, pode-se correr o risco de trazer força a discriminação étnico-racial, pois em uma sociedade cuja cor da pele é referência de valorização ou não de um indivíduo, ter a pele negra pode ser sinônimo de prejuízo social e econômico.

Assim, se identificar como negro (a) partindo da cor da pele é uma questão complexa, não envolve apenas a aparência, está relacionado com uma identidade ancestral. A cor de pele deve ser entendida como uma característica biológica, não como identidade étnica, ser negro (a) é atitude política, construção de uma consciência de pertencimento partida da ancestralidade, da cultura e identidade com a luta política do povo negro.

### 3 A MULHER NEGRA

#### 3.1 MULHER NEGRA E MULHER BRANCA – O COTIDIANO DE DIFERENÇAS

A mulher negra, historicamente no Brasil, sempre foi percebida como um indivíduo ligado ao trabalho doméstico (amas de leite, cozinheiras da casa-grande, empregadas domésticas) ou ainda com uma forte conotação sexual (mulheres negras obrigadas a satisfazer os prazeres sexuais de seus senhores, as “Mulatas do Sargentele”, a Globeleza).

No passado, a mulher branca deveria ornamentar as casas, ser casta, respeitável e controlada o bastante para não ceder aos seus desejos. Segundo Affonso Sant’Anna, a mulher branca era, metaforicamente, uma flor e deveria ser um objeto para enfeitar a casa do homem (Sant’Anna, 1993).

Ainda hoje as diferenças entre a mulher negra e a mulher branca no que se refere à posição de ambas na sociedade são visivelmente opostas, pois a mulher negra ainda é vista como objeto sexual ou mão de obra para trabalhos domésticos e a mulher branca é tratada como aquela que possui qualidades que a localizam nos melhores setores da sociedade.

enquanto mulheres brancas lutam para que seus salários (média de R\$ 797,00) sejam equiparados aos salários dos homens brancos (média de R\$ 1.278,00), as mulheres negras recebem ainda menos (média de R\$ 436,00). Conseguir um emprego formal, uma boa colocação e ingressar no ensino superior também são dificuldades típicas daquelas que possuem a pele negra. (ARRAES, 2014)

Essa diferença forjada pelo racismo histórico do Brasil mostra como a sociedade insiste em dividir as mulheres, pelo seu pertencimento étnico ou pela cor da pele. Ser mulher na sociedade brasileira tem um peso, porém ser mulher negra na sociedade brasileira tem um peso ainda maior. Não é apenas a condição do gênero, mas sim, a cor da sua pele que dita regras mais duras de convivência social e coloca a mulher negra no desafio de lutar contra o preconceito de gênero e o preconceito étnico.

Os números das últimas pesquisas realizadas pelo Movimento Social Negro, por organizações acadêmicas e governamentais, apontam que a mulher negra continua sendo vítima de situações que a colocam no cenário social brasileiro, como cidadãs que não têm reconhecida a igualdade social, econômica e política.

Analizando dados de pesquisas realizadas pelo DIEESE e outros órgãos, é possível verificar que o preconceito resulta em salários mais baixos para os negros em relação aos brancos, incluindo o item gênero, inferi-se que o homem negro ocupa um patamar abaixo do da mulher branca quanto ao rendimento salarial. Mas as mulheres negras se encontram ainda mais abaixo na pirâmide ocupacional. (SANTOS, 2009)

As mulheres negras enquanto trabalhadoras recebem salários mais baixos em relação às mulheres brancas, os índices de escolarização da mulher negra é menor com relação às mulheres não negras e, além disso, o numero de mulheres negras que assumem suas famílias (assumem a responsabilidade de gerenciar a família sem a presença de um companheiro) vem crescendo nos últimos anos.

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial. (SILVA, 2003)

A herança da escravidão construiu uma imagem da mulher negra que a remete a condição de serviçal, ou seja, a mulher negra não é representada ocupando papéis sociais de poder ou de status sociais. A negra é colocada em situações que a representam como a pessoa responsável pelo trabalho de cuidar, de limpar e fazer tarefas domésticas.

Essa condição que se apresenta para a mulher negra constrói uma ideologia em que a negra não precisa esteticamente cuidar de sua aparência física, pois os estereótipos com relação à mulher negra são criados desde a época da escravidão. Ser negra é serem “feia”, as representações de mulheres negras sempre as colocam como mulheres idosas, obesas, com lenço no cabelo, com roupas que não valorizam o seu corpo e estética. É sempre o avental da Tia Anastácia, do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Quando a mulher negra consegue superar os obstáculos da sociedade racista e machista e passa a vislumbrar uma condição social e econômica positiva, os desafios sempre são maiores do que uma mulher branca, pois além de ser mulher, ela também é negra. Há dos agravantes, o fato de ser mulher e ter que enfrentar todo o machismo da sociedade e o fato de ser negra e ter que enfrentar toda a carga negativa recorrente do racismo.

Embora o contexto adverso, algumas mulheres negras vivem a experiência da mobilidade social processada em “ritmo lento”, pois além da origem escrava, ser negra no Brasil constitui um real empecilho na trajetória da busca da cidadania e da ascensão social. Bernardo (1998), em seu trabalho sobre a memória de velhas negras na cidade de São Paulo, mostra como é difícil à mobilidade ascensional da negra - especialmente na conquista de um emprego melhor, pois a maioria das negras trabalhava na informalidade, ou como empregadas domésticas. (SILVA, 2003)

A situação de diferenciação da mulher negra com relação as não negras reforça o fato de se pensar a condição da mulher sempre fazendo um recorte de que não há igualdade no tratamento dado as mulheres negras e as mulheres brancas. O fato de a mulher negra ter que superar o machismo e mais o racismo, traz para sua luta especificidades que são inerentes somente a negra. Mulheres brancas não passam por problemas cotidianos de racismo, a sociedade brasileira garante acesso a privilégios sociais conforme a cor da pele da pessoa, no caso das mulheres negras, a cor de suas peles lhes garantem maiores e mais difíceis desafios.

Em um artigo que aborda a representação das relações raciais e os meios de comunicação, Sovik, parte do princípio de um suposto “consenso inicial em que ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; que ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro”. (Sovik, 2004: 366) (BARBOSA, 2007, pág. 7)

### 3. 2 A IMAGEM DA MULHER NEGRA

A mídia continua retratando a mulher negra como objeto de sedução, vende-se a carne negra. É comum vermos na televisão e nas revistas, representações de mulheres negras sempre em situações que remetem a exploração da sua sexualidade, como sinônimos sexuais. Essas representações remetem a ideologia colonialista brasileira, na qual a mulher negra era estuprada por seus senhores com grande naturalidade frente à sociedade da época.

A representação dessas mulheres de sucesso e brancas é usada pelos veículos para vender ao público feminino um ideal de beleza e perfeição física, emocional, social, psicológica. Dessa forma, a imprensa feminina cria e dissemina um modelo ideal de mulher e sugere que todas sejam como ela, tanto fisicamente quanto em seus comportamentos, desejos, repulsas, sonhos, planos. (BARBOSA & SANTOS, 2009, p. 60)

A sexualidade ligada à figura da mulher negra surge em campanhas para promoção do carnaval (é o caso da Globaleza), cujo corpo da mulher negra é exposto ao público para milhões de expectadores. Nesse caso específico o centro

das atenções não é o anúncio do carnaval, mas sim, a “curvas” da negra sambando. No imaginário da população brasileira e principalmente dos estrangeiros que vêm ao Brasil para o carnaval, a maior festa popular do mundo é realizada com a presença de negras seminuas, apresentando-se alegremente nas ruas, a mercê do deleite dos desejos e fetiches dos homens brancos e negros.

No quesito representação estética, a mulher negra traz em seu corpo marcas da exclusão social nas quais são vítimas, partindo do pressuposto que ser negra (o) no Brasil já serve como sinônimo de preconceito racial. A pele negra não é a cor de pele vendida nas revistas e na televisão, ao contrário, a pele negra aparece muito pouco nesses veículos da comunicação.

o lugar delineado para a mulher negra é em um contexto mítico e ambíguo de sedução e desejo, repulsa e perigo. Segundo Côrrea (1996), forja-se um estereótipo do feminino negro ligado à submissão, à sensualidade, ao perigo e ao prazer, mas um prazer relacionado à pobreza, à miséria e à desordem, atributos que somados ao estereótipo da negatividade dirigida à sua cor de pele tornam-na em um ser duplamente discriminado: por ser mulher e por ser negra. (BARBOSA & SANTOS, 2009, p. 63)

Mesmo com todo o arsenal de luta do Movimento Social Negro e as políticas públicas de promoção da igualdade racial, o mercado midiático apresenta a mulher negra, em número bem inferior à realidade populacional do Brasil.

Em comparação com o Censo realizado em 2000, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também aponta que a população que se autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros). (FUNDAÇÃO PALMARES)

As representações da mulher negra trazem toda uma carga do racismo presente na sociedade, uma vez que os programas de humor na televisão trazem referenciais de mulheres negras estereotipadas. Na Rede Globo de Televisão, o programa Zorra Total mostra personagens construídas por estereótipos de uma mulher negra pobre, moradora em favela, com família totalmente desajustada.

Essa imagem reflete no imaginário da população brasileira, que enxerga em personagens como essa um modelo de mulher negra. Como é um programa que atinge a casa de milhões de pessoas e tem como objetivo diversão dos expectadores, a “graça” passa a ser usada para marcar o imaginário da população em relação à mulher negra.

É natural a mulher negra ser representada como no programa, não causa estranheza, somente o Movimento Social Negro parece enxergar malefícios nessa representação racista.

Nas propagandas de produtos direcionados as mulheres, há a figuração de mulheres brancas. É como se a mulher negra não fosse capaz de usar tais produtos, essa incapacidade causada pela falta de condições financeiras ou ainda pelo fato de serem negras. Ideologicamente a ideia é que a mulher negra não pode utilizar um produto de beleza, pois no imaginário racista, a beleza tem cor e ela é branca.

Maquilagens, batons, cremes para a pele, xampus para o cabelo, são produtos que tentam dar as mulheres uma melhora na aparência e na autoestima feminina. Quando esses produtos são apresentados em revistas, jornais, televisão e outras formas de mídia e ao ser apresentados, as mulheres negras nunca estão presentes, deixa-se claro a intenção de exclusão da imagem da mulher negra vinculada à estética da beleza.

Desde a época da colonização quando artistas plásticos europeus retrataram os habitantes brasileiros e seus costumes, a mulher negra é retratada de forma estereotipada. A sua beleza somente está vinculada ao seu corpo, a ideia de ser um elemento de prazer e desejo sexual. Não obstante desde a colônia as mulheres eram a imagem do pecado, do sexo extraconjugal dos senhores brancos, em contrapartida a pureza representada pela mulher branca.

Na representação da negra no mercado de trabalho, não é comum vermos mulheres negras bem sucedidas profissionalmente, geralmente essas representações trazem mulheres brancas em profissões de advogadas, juízas, empresárias, professoras universitárias e até em cargos políticos.

Quando uma mulher negra ocupa um espaço de mídia e é apresentada como uma profissional de sucesso, essa imagem causa estranheza aos olhos da sociedade brasileira, logo o imaginário social associa o sucesso dessa mulher a um casamento inter-racial, a presença de um homem branco que supostamente daria o suporte necessário para a mulher negra alcançar o sucesso profissional.

A contestação da presença de um homem branco na vida da mulher negra traduz a construção da imagem de mulher dependente, de mulher que não consegue estabelecer pelos seus próprios meios à sobrevivência.

Seria como se a mulher negra sempre fosse tutelada por alguém, não conseguisse estabelecer uma liberdade da dependência de um senhor, de



preferência branco. O quadro “Redenção de Can” de 1895, de Modesto Brocos y Gómez, retrata a imagem do imaginário que se projetava para a salvação da mulher negra e para a “melhoria” racial do povo brasileiro.

Esse quadro mostra uma mulher negra agradecendo por sua filha mestiça ter um filho com um homem branco, demonstrando claramente a intenção de mostrar a imagem de mulheres negras com seus descendentes sendo “salvos” pelo clareamento de sua pele e pela presença em suas vidas de um homem branco.

A imagem de submissão para a mulher negra tem um maior valor, pois além de ser mulher é negra e, então, sobre ela recai duplamente a carga de preconceito, de gênero e étnico-racial. Ser mulher negra é ter a imagem vinculada ao insucesso, à condição de serviçal, a de mulher cujo corpo é objeto dos mais profundos desejos e fetiches sexuais.

No ambiente escolar a mulher negra também percorre estereótipos discriminatórios de sua imagem, quando na condição de aluna ela passa por situações de racismo quase que cotidianamente. Para poder fazer parte dos grupos que se forma no seio da escola, a menina negra acaba se submetendo a “ditadura estética” e transforma suas características negróides em características marcadamente presentes na população branca.

A primeira mudança que a menina negra procura fazer em sua imagem, isso feito para poder ter aceitação entre as (os) outras (os) estudantes, é alisamento capilar, ou seja, o cabelo crespo característico da população negra é rejeitado por essa menina, que alisa seu cabelo com mecanismo para transformar-se em uma pessoa que se pareça com a imagem de mulher do qual o imaginário feminino e masculino coloca como ideal.

Como a pele negra é marca, não há como negar a cor de sua pele, o cabelo passa a ser elemento norteador para a mudança da imagem. Provocações de cunho racista ligados ao cabelo crespo são constantes no ambiente das escolas brasileiras e isso traz um conflito de imagem da menina negra, que não consegue estabelecer a sua autoafirmação enquanto pessoa, já que a sua imagem estão fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, quando constrói os modelos de pessoa ideal, branco, cabelos lisos e de preferência loiros.

Na última década, principalmente pela atuação do Movimento Social Negro e Movimento Social de Mulheres Negras, a imagem da mulher negra vem sendo repensada de forma a construir uma imagem que ao mesmo tempo possa dar um

novo valor a mulher negra e também, possa estabelecer um mecanismo de resistência ao racismo.

Assumir a imagem de mulher negra, com seus cabelos crespos e sua pele escura, é salutar para a valorização da cultura negra e de suas raízes africanas.

## 4 O CABELO COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA

### 4.1 A DITADURA DA ESTÉTICA BRANCA

A “ditadura da estética” no Brasil estabelece que a branquitude e suas características fenotípicas seja o que marca o sucesso ou o insucesso social de uma pessoa.

Sabe-se que pessoas com cor de pele clara conseguem vantagens maiores dentro da sociedade, são mais aceitas, não são vítimas cotidianas de racismo, levam vantagens sociais e econômicas, ditam moda e comportamentos, exercem poder e ocupam todos os setores da sociedade em número majoritários.

Essas pessoas de pele clara, o chamados brancos, são caracterizados pela presença de cabelos lisos. Sabe-se, porém, que nem toda a pessoa de pele branca tem cabelos lisos, por isso muitos recorrem a recursos artificiais para alisarem seus cabelos e puder aproximar-se da imagem dominante, a do branco, de preferência loiro.

Não é sem motivos que uma parcela de mulheres no Brasil ao fazerem uso de recursos artificiais de alisamento de cabelos, além do alisamento também tingem seus cabelos com cores claras, preferencialmente loiros.

Ao tingir os cabelos de loiro após o processo de alisamento, a pessoa passa a ter a sensação de pertencimento, ou seja, que pertence a uma parcela da população brasileira que tem várias vantagens sobre o restante da população, que se enquadra na estética étnico-racial dominante.

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2012, p. 8)

Portanto, ser negra (o) no Brasil é ter que conviver com o dilema de como seu fenótipo será apresentado, um casal inter-racial sempre desperta o interesse de todos sobre como será a cor da pele, olhos, cabelo das suas e de seus descendentes. A família do sujeito branco torce para que os filhos do casal nasçam com características marcadamente brancas, enquanto a família do sujeito negro

preocupa-se com a mistura racial e como essa criança será vista na sociedade. Será que ela terá a cor da pele clareada? Será que o seu nariz será fino? Será que os olhos serão claros?

Essas preocupações da família negra mostram como ser negro no Brasil ainda é um grande desafio, a cor da pele define a sua localização social, ser negra (o) não é vantagem aos olhos de uma sociedade que discrimina pessoas pela cor de sua pele.

É importante lembrar que o racismo no Brasil é chamado de Racismo de Marca, ou seja, a cor da pele da pessoa e não a sua ancestralidade é que define quem será vitimizado pelo racismo.

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso dos produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizadas pela mãe, tia irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido pela infância. (GOMES, 2002, p. 43)

Quando uma menina ou menino negro (o) estão na escola, o processo de exclusão racial baseado na estética começa a operar. Cabelos crespos são sinônimos de toda a sorte de preconceitos, é tudo menos cabelo. Ganham apelidos como “Bombril”, “Assolam”, “ninho de urubu”, “depósito de piolho”, “gadeia”, entre outros.

O cabelo do negro passa a ser a extensão do racismo que ele sofre. “Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola”. (GOMES, 2002, p. 44).

Como essas crianças negras estão em fase de desenvolvimento e de experiências sociais, os conflitos com relação a sua estética criam mecanismos que podem resultar em bloqueio em relação a sua aceitação como sujeito negro ou ao mesmo tempo para alguns, pode ser a alavanca que irá proporcionar uma identificação mais forte com a sua cultura, ancestralidade e identidade negra.

Nesse momento a família se faz muito importante para alicerçar a criança com relação a sua aceitação ou negação de sua estética negra, se a família age de maneira positiva essa criança tende a compreender melhor a sua própria situação enquanto negra e estabelecer mecanismo de defesa perante as situações adversas

de racismo, mas se a família orientar a criança para a negativa de sua estética negra, proporcionando meios para que essa criança esconda sua negritude, então a tendência é dessa criança tornar-se um adulto com dificuldades de assimilar os desafios que o racismo apresenta no cotidiano de negras e negros.

A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. . (GOMES, 2002, p. 47)

É importante lembrar, que muitas (os) negras (os) que apresentam uma pele não tão escura, procuram mecanismo de disfarçar sua própria imagem negróides. Isso ocorre quando essas (es) negras (os) alisam seus cabelos, ou os escondem através de tocas, bonés ou lenços.

É como se as pessoas não perceberem o crespo de seus cabelos, talvez isso remeta a não ocorrência de discriminação racial, ou seja, essas pessoas mesmo negras passariam despercebidas e seriam aceitas no mundo dos brancos como iguais.

Os métodos de alisamento que marcaram a população negra mais antiga foram realizados através do uso do Henê, que era uma pasta para alisar os cabelos a base de metais pesados, principalmente o chumbo, o que lhe atribuía um odor característico e também o pente de ferro, que era aquecido e passado no cabelo para realizar o processo de alisamento. Geralmente os dois processos eram utilizados em conjunto. Atualmente os métodos mais comuns de alisamentos são realizados através de produtos químicos, a base de guanidina, sódio, formol e chapinhas, alcançando assim o ideal branco imposto pela sociedade. (CLEMENTE, 2010, p. 11)

Os salões estão estruturados para receberem esse público, pessoas de ambos os gêneros que buscam técnicas artificiais para tratar seus cabelos com tratamentos de alisamento. Muitos dizem que fazem isso por questões de praticidade, porém, o cabelo é base da estética humana, é o elemento primário a ser cuidado, modificado nos corpos das pessoas.

Não é à toa, que os salões de beleza recebem um número cada vez maior de pessoas em busca de modificações estéticas partindo do cabelo. As (os) cabeleireiras (os) se qualificam em técnicas de alisamentos, além do que a produção e venda de equipamentos de alisamento capilar crescem a todo vapor no país.

Faz-se importante lembrar que o Brasil tem uma maioria populacional negra e que essa população está fora do padrão estético branco, cujo cabelo é liso, a pele é branca e a cor dos olhos é clara, não se encaixando no padrão de pessoa branca. Somos negros, somos mestiços, temos peles escuras e cabelos crespos.

É através desses conceitos de beleza, que cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de emoldurar no perfil ditado pela sociedade como ideal, utilizando vários meios para essa moldura, como a chapinha, relaxamentos, alisantes, entre outros processos do fio capilar. (FÉLIX, 2010)

A estética branca dominante reforça o sufoco que principalmente as meninas negras passam ao longo de suas infâncias, quando suas mães usam de todos os artifícios para manter os cabelos dessas meninas dentro de uma aceitação estética. Quem não tem possibilidade de alisar o cabelo, recorre a outros mecanismos para compor uma estética capilar aceitável pela sociedade racista. É comum vermos as meninas negras com seus cabelos trançados, presos em coques, ou ainda escondidos por lenços tocas e bonés.

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras o fazem simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. (GOMES, 2002, p. 44)

Anteriormente aos produtos químicos e aos processos de alisamentos em salões, muitas mulheres negras utilizavam-se do artifício de alisar seus cabelos com os chamados pentes quentes, que eram ferros em formato de pente esquentados no fogo e passados nos cabelos para alisá-los. Além de descaracterizar totalmente a estética negra, essa modalidade de tratamento capilar trazia inúmeras consequências médicas, desde queimaduras, até a queda total dos fios capilares.

É importante pontuar que não se trata de negar a escolha da modificação ou não do cabelo de acordo com o desejo do indivíduo, mas que tenha consciência da beleza de sua negritude e da beleza que cada etnia nos traz através de seus traços. (Félix, 2010)

Nos EUA, essa estética de alisamento dos cabelos por mulheres negras, nos anos de 1970, se expandiu e isso ocorreu como no Brasil, dentro da lógica de que o cabelo liso seria padrão de beleza.

É dos EUA que chegam as revistas de beleza negra, que surgem seriados e filmes que mostram atrizes negras com seus cabelos alisados e isso traz para a brasileira a sensação de que ao alisar o cabelo, talvez a ascensão social também acontecesse como as (os) negras (os) norte-americanas (os).

Tanto nos EUA como no Brasil, essa lógica foi errônea, pois em ambos os países as (os) negras (os) foram vítimas dos mais variados casos de racismo. Isso

demonstra que a mudança da estética negra para uma estética branca, usando o cabelo como mecanismo de modificação do corpo, não trouxe vantagens à população negra, apenas fortaleceu a ditadura da estética branca, consolidou de fato uma identidade de negras (os) que não condiz com a busca por uma autonomia cultural de preservação de todos os signos negros, incluindo o cabelo crespo.

Hoje no Brasil é comum vermos homens negros com seus cabelos raspados, para muitos do Movimento Social Negro essa é uma nova maneira estética de esconder seu pertencimento, porém os homens que usam da raspagem dos seus cabelos se baseiam nas representações negras dos EUA, nos jogadores de basquete, em atores de cinemas, que usam a estética da cabeça raspada, sem, portanto, deixarem de militarem e mostrarem orgulhosamente que são negros.

Nos anos 90, os bem sucedidos jogadores afro-americanos da NBA (National Basket Association) foram, sem dúvida, os grandes responsáveis pelo lançamento da moda, entre os homens negros de diferentes idades, de rapar os cabelos e dar brilho a careca. Os que não raspavam, descoloriam os cabelos, tornando-os loiros. O paradoxo dessa prática está no fato de, ao se tornarem negro-loiros, esses atletas e cantores afro-americanos estariam afirmando sua identidade negra, visto que pessoas de pele negra (ou não-branca) tendem a escurecer ainda mais quando clareiam seus cabelos. O contraste entre cor do cabelo e cor da pele seria o objetivo estético almejado. (MALAQUIAS, 2007, p. 51)

Em contrapartida, as mulheres negras, como outras mulheres tem sua identidade feminina marcadamente ligada ao cabelo, na sociedade Ocidental, poucos grupos femininos negros raspam seus cabelos, pois na maioria das culturas o cabelo feminino é representação de feminilidade. Para a negra, viver na ditadura da estética branca significa viver sem a liberdade de poder ser negra em sua plenitude física, cultural e identitária.

#### 4. 2 CABELO CRESPO – IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Na contramão do discurso de uma estética única baseada no modelo da pessoa branca, as mulheres negras buscam cada vez mais mecanismo de afirmação étnico-racial, isso tomando com base o trabalho do Movimento Social Negro e o Movimento de Mulheres Negras, que após a redemocratização do Brasil e especialmente ao longo dos governos Lula e Dilma, tomaram uma maior proporção de espaço político e passaram a reivindicar direitos negados historicamente as (os) negras (os).

Esses movimentos começaram a incentivar a busca de uma nova identidade para a (o) negra (o), baseando-se na ideia de negro não ser cor de pele, mas sim, negro ser pertencimento étnico, reconhecimento ancestral e cultural. A partir dessa interpretação do que é ser negra (o), alguns símbolos foram criados para representar a negritude e entre eles está o cabelo crespo, o cabelo pixaim.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (GOMES, 2003, p. 174)

Deixar o cabelo na sua naturalidade passou a ser um dos sinônimos de negritude, não utilizar de meios artificiais para assumir outra identidade a partir do cabelo, foi à maneira que negras (os) encontraram para dar suporte à luta por seus direitos, enquanto sujeitos plenos de uma ancestralidade cultural.

Deixar a estética branca e assumir uma estética negra é uma tarefa das mais difíceis em uma sociedade racista, cujo cabelo de pessoas negras é sinônimo de cabelos “ruins”, em contraposição ao cabelo das pessoas brancas, considerado cabelo “bom”.

“Ainda hoje há a possibilidade de identificarmos no imaginário brasileiro valores que definem qualidades de cabelo como bom ou ruim, dependendo de sua textura (lisa ou crespa)”. (MEC, 2006, p. 187)

Isso demonstra como o cabelo é hoje um referencial importantíssimo para a definição de quem é negra (o) na sociedade brasileira. “O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afro descendentes.” (LODY, 2004, p. 125)

Para as mulheres, o cabelo reforça a sua negritude, uma vez que ao permanecer com o cabelo natural (crespo), a mulher negra estará perpetuando a sua identidade negra, estará fazendo a negação da estética branca e assumindo a sua cultura a partir da natureza de seu próprio corpo.

Essa mulher negra que assume o seu cabelo natural sai da situação de dependência e assume definitivamente o seu papel de negra, mostrando a sua negritude em seu corpo, fazendo do cabelo a parte de seu corpo que transpira negritude.



Ao assumir o cabelo crespo, a mulher negra também enfrenta as penalidades do racismo presente em nossa sociedade. O cabelo crespo para a sociedade brasileira ainda é sinônimo de feiura, essa ideia calcada na dominação de uma estética branca.

A mulher negra, portanto, ao assumir o seu cabelo crespo está quebrando com as barreiras do preconceito, porém quebrar preconceitos requer estar preparada (o) para a luta, é se colocar a frente do “inimigo” e buscar meios para se desvencilhar dos medos que impedem uma ação mais contundente contra a opressão racista.

Por muito tempo, o racismo quis e conseguiu “domesticar” o cabelo crespo da mulher negra. Muitas mulheres negras se submeteram ao alisamento ou quando isso não era possível, ao uso de lenços e todos os modelos de meios para “acalmar” a “rebeldia” do cabelo crespo. Músicas como “Nega do cabelo duro” eram cantadas em todas as regiões do Brasil com total naturalidade, mesmo na cidade de Salvador, no estado da Bahia, que tem a maior concentração de negras (os) do Brasil.

Um cabelo crespo é um cabelo duro, feio, desarrumado, rebelde e assim a necessidade de deixá-lo macio, bonito, ajustado e comportado, fazia com a mulher negra a se submeter à estética branca do cabelo liso. Ao alisar o cabelo a mulher negra deixava de expressar a sua negritude através de seu cabelo, expressava a sua feminilidade, porém essa com outra cor, a cor branca.

Não obstante muitas mulheres negras simplesmente trançavam seus cabelos como forma de deixá-los menos rebeldes, atitude essa muitas vezes justificada pela falta de condições econômicas para a realização de tratamentos estéticos com técnicas de alisamento.

Não é fácil o desafio de desmanchar as tranças e mostrar o cabelo natural, não é fácil encarar o preconceito que carrega a estética do cabelo da pessoa negra, porém essa tarefa é fundamental para entendermos o processo de identidade da pessoa negra, principalmente da mulher. Se ela continuar trançando os cabelos, mas agora não com o objetivo de escondê-los, mas sim, com o objetivo de mostrá-lo, de chamar a atenção por uma nova postura estética, cujos objetos de enfeites colorem as tranças, as deixam em maior evidência e mostram as cores da cultura afrobrasileira.

Depois de adultas muitas mulheres negras reconciliam-se com as tranças. Agora, porém, elas apresentam-se estilizadas, desde as chamadas tranças africanas ou agarradinhas, que formam desenhos engenhosos no couro

cabeludo, até as jamaicanas, de diferentes comprimentos. Esses penteados também são usados pelos homens, porém com menor frequência. (GOMES, 2002, p. 44)

As mulheres negras que trançam o cabelo hoje, não o fazem mais como exercício de submissão estética, mas sim, rompem com essa submissão que subjugava seus corpos e passam a trançar o cabelo usando modelos remetentes da cultura africana, da ancestralidade do continente Berço da Humanidade. “Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória”. (GOMES, 2003, p. 174)

É também importante o destaque das mulheres negras que continuam alisando seus cabelos, porém buscam outras formas de manifestar suas identidades negras, através do vestuário, da prática religiosa, da pesquisa acadêmica, da atuação no Movimento Social Negro e na defesa diária da história e cultura africana e afrobrasileira.

Essa ação em prol da identidade negra quebra com o padrão estético branco como universal e cria um novo universo de possibilidades para a mulher negra, abrindo-se caminhos para novas visões estéticas, culturais e de mercado, quando se analisa produtos estéticos para o tratamento do cabelo, além do número de salões e profissionais especializados no trato do cabelo da mulher negra.

O cabelo da mulher negra passa a servir como instrumento de contestação da opressão sofrida ao longo da história, seja o cabelo crespo, seja o cabelo trançado, seja mesmo o cabelo alisado, a mulher negra cada vez mais assume o seu papel de buscar uma identidade negra, claro que o cabelo crespo tem uma representatividade muito maior da negritude, estampando em seus estilos de penteados toda a ancestralidade que a mulher negra traz consigo.

Quando a mulher negra assume o seu cabelo natural, “o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política”. (GOMES, 2002, p. 49).

Essa significação política se dá quando a mulher negra assume o seu cabelo natural e olha no espelho e não mais enxerga a estética, a cultura e os padrões da (o) outra (o), no caso da mulher branca. Ao assumir a sua própria estética, a mulher negra rompe com os preconceitos e constrói novos conceitos, pensados a partir da busca do reconhecimento cultural dos ancestrais africanos.

O crescimento econômico do país e ascensão da mulher como sujeito de consumo, fez a mulher negra ser inserida em possibilidades antes não possíveis, ou seja, a mulher negra deixou de ser aquela alheia às novidades do mundo da beleza (até porque ser negra por muito tempo foi sinônimo de não beleza) e passou a consumir inúmeros produtos específicos para o corpo e cabelo da população feminina negra.

É notório que a indústria de cosméticos, por exemplo, percebeu a evolução mercadológica que se abria com a ascensão da mulher negra e passou a produzir produtos estéticos que atendesse esse mercado em ascensão, porém é necessário entender que não é apenas a ação do mercado que trouxeram tais mudanças, mas sim, a ação das mulheres negras que passaram a exigir das indústrias de cosméticos uma maior atenção com relação às consumidoras negras.

Começaram a surgir cremes para a pele negra, xampus para cabelos crespos, maquiagem para rostos negros e toda uma gama de produtos específicos para a mulher negra. Importante destacar que a mulher negra sempre esteve presente na construção da nação brasileira, mas apenas a poucas décadas é que o mercado entendeu que essa mulher negra tem suas necessidades específicas e precisa ser percebida, não como uma mulher branca.

Nas ruas, nos shoppings, nas escolas, cada vez mais são percebidas mulheres negras usando seus penteados com cabelos naturais. Esse fato marca uma ruptura de estereótipos que perseguiam a mulher negra, ela deixa de ser aquela marcada por sua aparência considerada fora dos padrões de beleza e passa a criar a sua própria beleza, partindo da concepção de beleza que traga marcadamente elementos da sua ancestralidade africana.

É preciso, porém, discutir sobre como esse novo modo de percepção da mulher negra atinge a totalidade das mulheres negras. É na escola que se encontra os caminhos a serem trilhados na busca de uma nova concepção de mulher negra, a escola tem uma responsabilidade enorme e dar suporte as meninas negras e ainda reeducar as meninas não negras, para que possibilitem perceber que a mulher negra hoje está na busca da consolidação de sua identidade e essa identidade passa pelo corpo e obviamente pelo cabelo.

Isso já vem sido observado em alguns espaços escolares, quando vemos meninas brancas com tranças africanas e jamaicanas, com penteados que remetem a cultura negra. Não é que a menina branca está querendo assumir uma cultura que

não é a sua, mas sim, isso demonstra como a cultura negra está sendo inserida na estética da população brasileira, já que não se pode esquecer a importância da (o) negra (o) para a formação cultural brasileira.

Quando meninas (os) negras (os) com seus cabelos trançados ocupam os espaços sociais e é imitado por colegas brancas (os), isso mostra como a resistência negra se faz presente também em sua estética, pois mesmo com as correntes ideológicas ditando que a estética do cabelo da (o) negra (o) é feio, é ruim, vê-se que usar o cabelo penteado com referências afro-brasileiros age como um instrumento de resistência.

A resistência está no penteado, está no discurso em defesa da sua estética e, além disso, a resistência está no fato de negras (os) não se submeterem a ditadura da estética branca, criando a sua própria estética.

É importante frisar que pessoas brancas que fazem penteados afro, são importantes para a luta de resistência de negras (os), uma vez que ao usarem tais penteados não deixam de ser brancos, mas dão a possibilidade de reconhecimento cultural afro-brasileiro para a identidade cultural do Brasil.

As (os) brancas (os) que usam cabelos com penteados afro, ao serem questionadas (os) sobre os motivos que as (os) levam a usarem tais penteados, comumente defendem seus visuais estéticos com discursos de valorização da cultura negra e de suas raízes ancestrais, apesar da pele branca.

Uma pessoa branca pode achar bonito os penteados afro-brasileiros, querer chocar a estética branca dominante, porém, mesmo assim, ao pentear seu cabelo com argumentos afro-brasileiros, muitas vezes inconscientemente, a pessoa branca estará resistindo à estética branca e oferecendo visibilidade a cultura e a estética negra.

#### 4.3 AS CONTRADIÇÕES DO CABELO NA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA

Apesar de todo o referencial positivo que vem se construindo ao longo das últimas décadas, com o aumento da autoestima das negras e negros, a partir de sua estética, ainda temos várias contradições a serem resolvidas com relação à questão ao modelo estético definitivo que a mulher negra deve seguir.

Qual seria o padrão estético adequado para a mulher negra? Será que usar o cabelo crespo natural? Será que o uso de tranças? Será o alisamento dos

cabelos? Tanto um como outro modelo estético, traz barreiras que a mulher negra terá que ultrapassar. Como pensar em um modelo único, quando a mulher tem suas especificidades, ou seja, nenhuma é igual à outra?

Há uma tentativa de estabelecimento de padrões de beleza estética desde muito tempo, o padrão era o da estética da mulher branca, porém a afirmação da mulher negra enquanto militante política e disseminadora de cultura estão trazendo mudanças na concepção estética das mulheres.

Ser negra não é ter cabelo crespo, ou tranças africanas ou jamaicanas, tampouco ter o cabelo liso, ser negra está acima disso. A estética do cabelo é somente um dos elementos que formam a identidade da mulher negra, essa identidade passa pelo corpo, pela cor de sua pele, pelo penteado do seu cabelo e principalmente por sua própria identidade enquanto mulher negra.

Há muitas mulheres negras que trançam cabelos, ou os deixam naturais, ou os alisam, com fenótipos marcadamente negros e mesmo assim não atuam na direção da valorização do pertencimento étnico negro. Essa valorização somente se dará a partir de um comprometimento com a luta política e cotidiana que negras e negros enfrentam, na tentativa de buscar o reconhecimento da sua igualdade perante as pessoas não negras.

O cabelo é importante na formação de uma identidade cultural de uma etnia, porém não se pode pensar que somente ele dará conta de assumir uma identidade étnica, a atuação política, a educação.

Entende-se o cabelo como símbolo de identidade, este pode ser um vínculo à compreensão da identidade negra na comunidade. O mesmo vem sendo reprimido na tentativa de manipulação no enquadramento de padrões sociais eurocêntricos. (FÉLIX, 2010)

A mídia, as políticas públicas, devem ser também pensadas como mecanismos para a superação do racismo, responsável direito pela busca de negras (os) de seus direitos.

Em uma sociedade que ser negra (o) é ruim e cujo racismo tem corpo presente nas ações diárias, pensar em uma identidade negra, é pensar em criar mecanismo de manifestação, de exibição e de valorização da cultura negra e essa cultura perpassa pela problemática do cabelo.

As (os) negras (os) sempre há uma maneira de discriminar, seja através da cor da pele, do nariz, dos lábios, do cabelo, da sua história ancestral, por isso é necessário que a (o) negra (o) possa estar sempre reinventando a sua própria

imagem. Nesse sentido, a estética do cabelo da mulher negra não tem uma regra única, deve ser reinventado a todo o momento, pois pode ser mecanismo para desafiar os novos modos de atuação do racismo.

O processo de construção da identidade negra é muito mais complexo, instável e plural. Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro. (GOMES, 2003, p. 178)

Mulheres negras, cujas famílias têm compreensão positiva da sua identidade étnica tendem a valorizam cada vez mais a ancestralidade cultural africana, com a busca de valores afro-brasileiros. Essas mulheres naturalmente utilizam de elementos estéticos que remetem a cultura afro-brasileira e cujos cabelos são sinônimos de africanidades.

Arrumar o cabelo com trança, deixar natural ou alisá-los, independente da estética, para essas mulheres negras o importante são as representações políticas e as conquistas sócias que a população negra possa alcançar.

Outra contradição da identidade negra através do cabelo é como os salões de beleza encaram a questão da identidade negra. Será que as (os) cabeleireiras brancas (os) e negras (os) dimensionam a importância de penteados que realizam nos seus trabalhos. Será que esse trabalho tem algum aspecto cultural ou é apenas uma questão da estética, da moda, da tendência.

Esses questionamentos abrem possibilidades de debate com relação a que os salões que atendem a população negra estão interessados, no mercado consumidor negro ou na possibilidade de estar servindo como agente de crescimento da autoestima de negras (os).

Se o cabelo é uma espécie de mediador entre uma estética afro natural e um discurso da negritude, como são percebidos e representados os salões de beleza nesse imaginário das últimas décadas? Pelos salões passam discursos múltiplos que vão da reiteração de uma "consciência racial" à criação de uma nova estética sem vinculação aparente com a definida pela militância negro-mestiça. (SANTOS, 2000)

Há de se observar nos salões de beleza a presença de cabeleireiras (os) brancas (os) e negras (os) e essa presença de duas etnias distintas provoca a sensação de que o cabelo da (o) negra (o) se for tratado como elemento de identidade étnica da população negra, seria provavelmente manipulado por um (a)

profissional negro (a), porém a realidade dos salões de beleza não estabelece esse entendimento.

A mulher negra é atendida por quem tem capacitação para o cuidado com o cabelo crespo, com esse profissional não precisando estabelecer nenhuma ação direta de valorização e reconhecimento da identidade da mulher negra, as freguesas. Alias é importante analisar que tampouco esse profissional está atento para a sua própria identidade étnica, ela (e) pode ser branca ou negra e não ter entendimento do significado desse pertencimento para quem está a sua frente para tratar os cabelos.

Assim, a construção de salões de beleza para atender a clientela negra abriu pressupostos para a instauração de uma estética voltada exclusivamente para a população negra, com salões especializados em tratamento capilar da população negra.

Logo isso despertou uma identificação cultural de negras e negros, que perceberam a existência de locais cujos serviços remetiam a uma identidade cultural e étnica, mas ao mesmo tempo, esses salões despertaram os discursos racistas que se baseiam na ideia de democracia racial e apontam os salões especializados em cabelos da população negra, como sendo uma forma de discriminação.

Foi por essa razão que a imprensa não só noticiou o surgimento dos salões de beleza exclusivos para negros como reagiu de forma preconceituosa, como se verifica em uma matéria publicada em abril de 1989 no jornal *O Popular*, da cidade de Goiânia, quando da inauguração do salão paulista Colonial Black. Informando que São Paulo teria seu primeiro salão de beleza "exclusivamente destinado a negros", o articulista (Arthur Rezende) disse que: "ao longo da casa, localizada no shopping Iguatemi, haverá uma minipraça na qual irão se apresentar grupos de música, todos negros, aqueles garotos que dançam *reggaen*as ruas e tal. Profissionais, como manicures, cabeleireiros, maquiadores e até mesmo dois profissionais de beleza que virão dos Estados Unidos também serão de epiderme escura". É possível que os grupos de música referidos tenham sido os grupos de *rap* ou música *hip-hop* que, nos anos 1980, estavam em evidência nas grandes cidades. A classificação racial é deveras homogeneizadora, todos os negros "serão de epiderme escura", e o que sobressai na matéria é seu fim: "no mínimo vão afixar à entrada um cartaz com os seguintes dizeres: '**Branco não entra**' (grifo do jornal). Claro?" (SANTOS, 2000)

É preciso não se esquecer de que os salões de beleza também foram direcionados a um público específico, ao público majoritariamente branco, pois os produtos, técnicas profissionais e muitas vezes, os próprios profissionais eram brancos, assim sendo a clientela era majoritariamente também branca.

A mulher negra ao adentrar em um salão como esse, se submetia a receber o mesmo tratamento de uma mulher branca, de cabelos lisos, remetendo a mulher negra a ser percebida dentro desses espaços igual à mulher branca, sabendo-se que a mulher negra tem suas especificidades, inclusive no tratamento capilar.

Como o salão de beleza é uma instituição de serviços, cujo acesso não é limitado a uma determinada etnia, mas sim, deve atender a todas as etnias, então ter entre seus profissionais alguns especializados em penteados afro-brasileiros é atender a pluralidade da sociedade brasileira, é tornar o salão de beleza em um espaço em que negras (os) possam perceber-se sujeitos.

Nos salões de beleza é comum haver revistas com modelos de penteados, as (os) freguesas (es) manuseiam essas revistas ao esperarem o atendimento ou enquanto estão sendo atendidos pelos profissionais do salão de beleza. As revistas apresentam modelos estéticos de penteados e cortes de cabelo, porém as pessoas que são representadas nas revistas, majoritariamente são de etnia branca, com penteados e cortes de cabelos que remetem a uma estética branca.

Uma pessoa negra ao frequentar um salão de beleza, manusear uma dessas revistas, não conseguirá perceber-se identificada em nenhuma dos modelos de penteados apresentados, pois se usa modelos brancas, com penteados para cabelos da etnia branca.

Revistas como Raça Brasil que trazem editoriais de moda e estética negra, além de artigos com a temática das relações étnico-raciais. Hoje no Brasil além da revista Raça Brasil, circulam outras três revistas voltadas para o público negro e que traz referências a estilo, moda e estética negra, são elas: Visual Cabelos Crespos, Agito Geral e Negro Cem Por Cento.

Revistas de penteados e cortes de cabelos com modelos negras (os) são uma das formas de resistência de negras (os) contra a estética branca, não na ótica de querer competir com as (os) brancas (os), mas sim, na perspectiva de oferecer as (os) negras (os) a possibilidade de se perceberem sujeitos consumidores de tudo aquilo que é oferecido à sociedade.

Uma das maneiras encontradas para tratar da estética do cabelo de negras (os) foi à criação dos chamados salões étnicos, chamados nos anos 70 e 80 de salões afro. Esses salões étnicos têm como prioridade o atendimento de negras (os) com suas especificidades estéticas. Os profissionais que atuam nesses



estabelecimentos são especializados em cortes e penteados afro, cuja representação de profissionais negras (os) é marcante.

Ao criarem salões étnicos, com profissionais negras (os), cria-se a identidade do cliente com o salão, tende-se a receber um número majoritariamente de clientes negras (os), já que a especialidade, a etnia dos profissionais, produz uma identificação das (os) clientes negras (os) com o estabelecimento de serviço.

Assim, uma mulher negra ao adentrar um salão de beleza não se sentirá constrangida e não perceber outras pessoas como ela no estabelecimento, nem mesmo profissionais, nem tampouco clientes. Ao tratar seus cabelos em um salão étnico, a mulher negra consegue estabelecer vínculos mais próximos com o seu referencial étnico e cultural. Ela se vê nas revistas, na decoração do salão, nos penteados das (os) profissionais, nas semelhanças que há com outros clientes.

Um tratamento capilar em um salão étnico passa a não ser percebido apenas como uma rotina na manutenção da estética da mulher negra, mas sim, passa a ser um encontro da sua identidade, o salão étnico faz do tratamento do cabelo uma referência cultural, cria a sensação de empoderamento da mulher negra.

O seu cabelo que antes era tratado sem a preocupação com suas especificidades, suas cultura, sua identidade, nos salões étnicos toma outra dimensão, passam a ser tratados não apenas com a preocupação estética, mas sim, como referenciais da etnia negra, da cultura negra, da identidade negra.

O mercado surgiu do aumento na procura das mulheres em assumir o cabelo afro. Essa prática vem se tornando cada vez mais comum, não só para as mulheres negras, mas também para aquelas que se reconhecem, se aceitam e acreditam que o cabelo reforça a sua própria essência e acabam batendo de frente com a falta de valorização da sociedade à estética negra. Esse fato fez crescer desenfreadamente a busca por cabelos alisados ou quimicamente tratados. Assumir o cabelo não é apenas uma questão de mudança de visual e sim um reforço para os conceitos de negritude de cada um. (JORNAL CORREIO, 2013)

Independente se o cabelo é natural, liso, tratado com o uso de químicas, o que se deve levar em consideração é a maneira com a qual a mulher negra trata a sua própria identidade como sujeito. Há de lembrar-se que há negras de cabelos de todos os estilos, desde naturais até cabelos lisos e loiros, porém é preciso determinar que apensar do cabelo ser uma essência de identidade, a cultura negra, a resistência negra, a negritude, não está apenas na cabeça das mulheres, mas sim, na luta cotidiana para manter a sua condição de mulher e negra, vítimas diária do preconceito por serem mulheres e por serem negras.

O desafio está em não fazer do cabelo a única referência da negritude de uma mulher, mas sim, dar ao cabelo uma referencial que começa a mudar a concepção do que é ser mulher negra e a necessidade urgente que se tem da sociedade perceber essa mulher, com um diferencial cultural que deve ser respeitado e compreendido na busca da tão sonhada sociedade democrática.

## 5 ESTUDO DE CASO

### 5.1 A ESCOLA JOÃO RIBEIRO DE CAMARGO

O Colégio João Ribeiro de Camargo localiza-se no bairro São Gabriel no município de Colombo, Região Metropolitana da cidade de Curitiba, no estado do Paraná.

O Estado do Paraná, localizado na região Sul do Brasil, até 1853 era a 5ª Comarca de São Paulo. No estado habitavam além de diferentes grupos indígenas como Guaranis, Caingangues, Xetas e Xoclengues, os negros escravizados e os portugueses, que chegaram ao Paraná através do litoral paranaense, na busca pelo ouro de aluvião, subindo a serra e estabelecendo-se nos arredores do que mais tarde seria a cidade de Curitiba.

A presença negra no Paraná era marcada desde a chegada dos primeiros bandeirantes que se dirigiam para o Sul, saindo de São Paulo, em busca de ouro e indígenas para a escravização.

Essa presença negra desde as primeiras incursões europeias em terras do atual Paraná demonstra que negros e negras sempre fizeram parte da história do estado, o que reforça a ideia de um Paraná negro, ou seja, que o negro também é um elemento fundador do Paraná e está inserido na sua trajetória histórica, apesar dos discursos paranistas que invisibilizam a presença do negro na história paranaense.

Apesar do uso de indígenas como escravos no interior do Paraná, no litoral e em Curitiba a escravização foi praticamente de negros, como demonstra. Isso demonstra como a presença negra no litoral e região de Curitiba fez parte da trajetória histórica do Paraná e enfatiza a importância dessa pesquisa ao buscar discutir a questão da identidade negra, mesmo em um estado cujos grupos políticos e intelectuais, ao longo da história buscaram subtrair o negro entre as personagens históricos do estado.

O município de Colombo, criado no ano de 1890, anterior a essa data era habitado por grupos indígenas, como o restante do Paraná, predominando os Tupis. Esses indígenas foram utilizados a princípio como escravos, pelos portugueses que subiam a serra do mar em busca de ouro.

Com o início da ocupação das terras do primeiro planalto, atual Curitiba e Região Metropolitana, começam a chegar conjuntamente com os portugueses, os primeiros elementos negros na região que hoje abrange o município de Colombo.

Em 1876 a presença negra na região de Curitiba, da qual a região da atual Colombo fazia parte, era de 921 negros escravizados, com uma população de 10.560 habitantes em todo o Paraná.

Em Colombo a presença negra se estabeleceu principalmente no trabalho de produção da erva-mate, como o que existiu no antigo povoado do Boixininga. O Jornal Dezenove de Dezembro, em sua edição de 06 de março de 1879, trouxe um anúncio do leilão de duas escravizadas que pertenceram a Luiz Antonio Ribeiro, que era um ex dono de um erval de mate localizado na região que hoje é Colombo. "... convida-se aos pretendentes que apresentem suas propostas por escrito no mesmo dia indicado para arrematação dos escravos seguintes: Joaquina, preta de 50 anos por 150\$000; Eugênia menor; de 12 anos, filha de Joaquina, por 600\$000". (Jornal Dezenove de Dezembro, 1879).

A presença de negras (os) no município de Colombo é mais remota do que a de imigrantes italianos, ou ainda, antecede a própria fundação do município. Dessa maneira, invisibilizar os negros dentro do município é uma demonstração clara de negação histórica dos negros na identidade formadora da cidade de Colombo, acompanhando o mesmo discurso do paranistas (fim do século XIX e início do XX), que fizeram com que os negros fossem relegados ao esquecimento histórico do Estado do Paraná.

Objetivando estabelecer a Política do branqueamento, o governo provincial traz elementos europeus para as terras do Paraná, com a expectativa de elevar o número na província de pessoas racialmente brancas e fazer a ocupação geográfica das terras paranaenses. Nesse ensejo, Colombo recebe famílias de imigrantes italianos, que se estabelecem em várias colônias espalhadas por todo o município.

Entende-se como "Branqueamento (embranquecimento): processo em que os não brancos assimilam os valores do grupo branco e praticam preconceito inclusive contra si próprios". (VALENTE, 1994, p. 85)

Essas colônias ao longo do início século XX foram se transformando em bairros, com a constituição de tradições italianas, como os bairros Santa Gema, Colônia Faria, a sede do município, entre outros. Tais bairros foram sendo constituídos por famílias italianas que tentavam preservar suas origens e impedia a

presença de outras etnias, isso realizado a partir da não venda de terras para outras pessoas que não fossem de origem italiana. Essa prática era uma tentativa de preservação da identidade italiana.

O bairro onde se localiza o Colégio João Ribeiro de Camargo é denominado São Gabriel, estabeleceu-se junto com a chegada das primeiras famílias italianas imigradas para a região. Essas famílias vinham para o Paraná com o intuito de construção de uma nova vida e motivados pelos incentivos oferecidos pelo governo imperial brasileiro e também pelo governo provincial paranaense.

A referência do bairro é a Igreja Católica São Gabriel, símbolo da religiosidade católica dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região do atual bairro São Gabriel, anteriormente chamado como Ressaca.

A região passou a ser ocupada por volta de 1888, com imigrantes italianos e poloneses, porém a partir dos anos de 1900, a expansão imobiliária e a construção de olarias na região acabaram convergindo para a chegada de outros habitantes com origens étnicas diversas.

Entre esses habitantes, muitas (os) pardas (os) e pretas (as), vindos da região central de Curitiba, expulsos da área central da cidade após a Abolição ou ainda a procura de trabalho nas olarias, se instalaram na região do bairro Ressaca, hoje São Gabriel.

É dessa maneira que o bairro do São Gabriel começa a receber um contingente cada vez maior de pessoas, junto com uma reestruturação imobiliária, cujas propriedades antes rurais, se transformam em loteamentos urbanos, recebendo novos moradores de várias origens étnicas, socioeconômicas e culturais.

Com a chegada de um grande contingente de migrantes oriundos do interior do Paraná, de Curitiba e dos estados vizinhos ao Paraná, houve a necessidade da construção de uma instituição de ensino na região do bairro São Gabriel, pois as comunidades que se formavam em torno do bairro não tinham acesso a uma escola. A escola mais próxima ficava na sede do município, a aproximadamente 10 km.

Dessa forma, em 1923, cria-se no bairro Ressaca a Escola Isolada da Ressaca, formada a partir da doação de uma casa feita por João Ribeiro de Camargo, morador na região.

Em 1946, em louvor a imagem de São Gabriel, existente na Igreja do local, a Escola de Ressaca passou a ser denominada Escola Isolada de São Gabriel. Em 1969, após ampliação do espaço de salas de aula (a escola ficou com quatro salas

de aula e uma cantina, uma dispensa e uma sala que passou a servir como secretaria) a escola passou a ser chamada de Casa Escolar São Gabriel.

Essa mudança de nome acabou com a denominação Escola Isolada, pois era forte o crescimento populacional e a determinação Isolada já não cabia mais para a realidade do bairro, cada vez mais integrado a outras comunidades e com crescente aumento de moradores.

Em 1974, a escola passou por uma nova reforma de ampliação, pois o bairro São Gabriel passou a receber um contingente de migração muito forte oriundo de Curitiba e de outras regiões do estado do Paraná, principalmente devido ao processo de industrialização que se firmou em Curitiba após a construção da Cidade Industrial de Curitiba.

Com a criação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) entre os anos de 1973 e 1974, a capital do estado passou a atrair um número elevado de migrantes de todas as partes do Brasil. Essa levada de migrantes, principalmente agricultores oriundos do interior do Paraná, chegavam à Curitiba na esperança de conseguirem uma colocação profissional no polo industrial do CIC.

Junto a esse desenvolvimento industrial de Curitiba, as políticas de urbanismo planejado mudaram a conjuntura da cidade. O planejamento urbano acabou reorganizando os espaço e habitar em Curitiba passou a ser dispendiosos financeiramente.

Esses novos moradores de Curitiba, vindos do interior e sem alternativas de habitação, passam então a adquirirem terrenos na Região Metropolitana de Curitiba, em municípios como Colombo. Segundo o caderno “Colombo – caminhos para uma cidade sustentável”,

ao longo do século XX, as transformações econômicas e agrícolas em Colombo foram fortemente condicionadas pelo crescimento populacional e econômico da cidade de Curitiba, incentivado pelo Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI) de 1978, que direcionava a expansão da ocupação urbana para os municípios periféricos de Curitiba, já que esta não comportava mais a expansão. (2011, p.9)

Em após a reforma da escola em 1974, houve nova mudança no nome do estabelecimento de ensino, trocando o nome Casa Escolar São Gabriel, para Escola Estadual São Gabriel. Em 1986 há construção de uma nova escola, pois a antiga não continha condições de alocar o número crescente de crianças que chegavam ao bairro e necessitavam ter acesso à educação, portanto, a uma escola. Dessa feita a

escola passou a se chamar, Escola Estadual João Ribeiro de Camargo – Ensino de 1º Grau.

Em 1988, a Escola Estadual João Ribeiro de Camargo, passa a ofertar ensino de 5ª a 8ª série. Em 1991, são suspensas as atividades de 1ª a 4ª série, separando o primário de 5ª a 8ª série. Em 1999, a Escola passa a ofertar o Ensino Médio Noturno e sua denominação de Escola agora é Colégio.

Em 2003, aumenta a procura de alunas (os) querendo continuar os seus estudos neste mesmo Estabelecimento de Ensino após concluir a 8ª série no período diurno. Em 2004, inicia-se a primeira turma de Ensino Médio Diurno e o prédio passa a ser exclusivo do Estado.

## 5.2 A FALA DAS ESTUDANTES NEGRAS

Para refletir sobre a questão da identidade da mulher negra, entrevistou-se quatro estudantes negras do Colégio Estadual João Ribeiro de Camargo, com o objetivo de perceber as visões que essas estudantes possuem sobre a relação da identidade negra, com o cabelo da mulher negra.

Essas meninas foram escolhidas dentro de um universo de mulheres negras, que trazem características negroides marcantes, como pele preta, cabelos crespos ou alisados, lábios grossos, nariz adunco. O objetivo é poder dialogar com meninas negras, que na visão étnico-racial brasileira são consideradas negras partindo das suas aparências e da identificação étnico-racial.

É importante frisar que as estudantes se identificaram como pretas, segundo o IBGE e como negras, na concepção política da palavra, ou seja, negra é a pessoa que se identifica com a cultura e história afro-brasileira e a luta do Movimento Social Negro.

Assim, a identidade negra é entendida nesse estudo de caso, como a pessoa que traz características em seu corpo, que a identificam socialmente como negras, não importando a cor da pele e suas características físicas.

As estudantes responderam a questões sobre identidade negra e a suas relações com o cabelo, com objetivo de analisar como meninas negras percebem o universo racial, partindo de um importante elemento da sua identidade negra, o cabelo.

O fato das estudantes serem todas de pele escura e se considerarem negras, remete a um diálogo que parte do pressuposto de que elas possuem uma relação mais próxima com os referenciais da população negra, como cultura, estética e história afro-brasileira.

### 5.2.1 Negra?

Ao serem questionadas por que se consideravam negras, as estudantes deram diferentes respostas, cada qual mostrando um perfil diferente de perceber a negritude.

Porque vem de família também. (Dani, 15 anos)  
 Sou negra pelo meu caráter, pelo meu passado, pelo esforço de meus antepassados. (Fran, 17 anos)  
 Considero-me negra pela minha cor. (Lu, 17 anos)  
 Acho que é pela cor da minha pele. (Sabrina, 17 anos)

As estudantes Dani, Lu e Sabrina deixam transparecer que a negritude delas está relacionada à cor de suas peles. Para elas ser negra é ter a pele escura, a cor da pele é quem define quem é ou não negra.

Essa definição de negritude, marcadamente, levando-se apenas em consideração a cor da pele, no Brasil, apresenta um grande complicador. Como definir quem é negra (o) no Brasil? O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) há muitos anos vem tentando definir estratégias e conceitos para mapear etnicamente a população brasileira. A população negra vem recebendo ao longo dos anos, diferentes nomes para sua identificação, tais como mulatas (os), sarara, cafuzo, mestiça (o), morena (o), parda (o) e preta (o).

Como é difícil fazer uma definição diante de tantas opções, o IBGE definiu como raça/etnia as categorias branco (a), pardo (a), preto (a), amarelo (a), indígena. Essas cinco categorias seriam responsáveis para definir o pertencimento étnico da população no Brasil, porém há um grande conflito identitário na sociedade, causado pela dificuldade de realmente definir a sua pertença étnico-racial.

Há brancos que se consideram pardos, mas que a sociedade ou percebem brancos, há pardos que se consideram brancos, há pretos que se consideram pardos, como a pardos que se consideram pretos. Essa relatividade identitária do brasileiro traz a tona uma discussão importante para a sociedade, a de como definir etnia/raça em um país, cuja miscigenação racial é uma realidade irreversível e



presente a mais de 500 anos.

Não há como delimitar que é ou não a etnia/raça que se identifica, por isso o Censo deixa livre para que as pessoas se identifiquem, possam identificar-se conforme as suas convicções. É sempre salutar frisar, que ser negra no Brasil não é tarefa das mais fáceis, pois a mulher negra sofre duplamente o preconceito de ser mulher e ser negra.

Assumir-se negra não é tão fácil, a carga de preconceito que negras (os) carregam ao longo da história do Brasil é tão poderosa, que mesmo com a Lei Antirracismo (LEI 7.716/1989 (LEI ORDINÁRIA) 05/01/1989), o cotidiano da mulher negra continua sendo repetidamente repleto de casos de atitudes racistas, do racismo velado até o racismo constitucional.

A visão das estudantes reflete o discurso da sociedade, cuja cor da pele é que define o seu pertencimento étnico. É importante frisar, que essa identificação pela cor da pele estabelece padrões étnicos, uma vez que qualquer pessoa que não tenha a pele escura não pode ser considerada negra e dessa forma isso acaba servindo por excluir o ideal de auto declaração de pertencimento étnico-racial.

As mulheres negras tem um conflito grande para resolverem, ou seja, descobrirem-se negras, quererem ser negras e enfrentar todos os preconceitos que essa condição de mulher e negra reservam-lhe. Ser negra na escola é um desafio e o desafio ainda maior, é ser negra na escola e ter seus cabelos naturais. O desafio está em romper ou camuflar a sua identidade e sua realidade, principalmente em um ambiente escolar. É dessa questão que partirá o estudo de caso,

Na rua, na escola e depois no mercado de trabalho, a mulher negra é identificada como tal, através da aparência de seu cabelo e a cor de sua pele, já que no imaginário étnico-racial brasileiro, é a cor da pele que define quem é ou não negro, portanto, se uma mulher tiver um cabelo liso e uma cor de pele não tão acentuadamente escura, por muitos ela não será considerada negra.

Se essa mulher negra não tiver a convicção de seu pertencimento étnico, abre-se a possibilidade para ela procurar outra identidade, uma identidade branca, pois lembremos, ser branco no Brasil significa estar à frente em vantagens sociais e econômicas. É sempre importante lembrar que a população negra no Brasil, historicamente, sofreu com as penúrias do racismo que sempre acompanhou a história desse país, desde o início de nossa ocupação colonial.

Por outro lado, a estudante Fran demonstra outra visão em relação ao o que é ser negra, para ela ser negra se relaciona com ancestralidade, ou seja, ancestralidade afro-brasileira, a importância de perceber-se sujeito com uma história ancestral, que se identifica a uma cultura específica carregada de simbolismos que não estão apenas na cor da pele, mas também na maneira de ver o mundo e relacionar-se com ele.

As pessoas que se declaram negras, trazem uma identificação cultural muito marcante em suas representações, utilizando símbolos afros para determinar as suas pertencas étnicas. É visível pessoas que se declaram negras usando cabelos naturais, colares, pulseiras, brincos, lenços e outros adornos que lembram à cultura afro-brasileira, com referências a ancestralidade africana.

### 5.2.2 Lembranças da Infância

Desde a pré-escola as meninas negras passam por um processo que para muitas é doloroso, do qual o cuidado com o cabelo traz sequelas nem sempre positivas para a maioria delas.

Dessa maneira, fez-se um questionamento as estudantes sobre suas lembranças com relação ao seu cabelo, com o objetivo de perceber como o cabelo da mulher negra é condicionante para o pertencimento étnico-racial, é elemento norteador do preconceito racial e estabelece positividade ou negatividade na autoestima da mulher negra.

... uma criança pode achar “desvantajoso” ter nascido negra ou indígena ou pertencer a um grupo étnico-racial mais discriminado. Os efeitos disso são a negação e o esquecimento de suas histórias e culturas. Portanto, nosso compromisso é construir um lugar justo, igual e sem discriminação para nossas crianças. (UNICEF, p. 5, 2010)

As tranças, o coques, o rabo de cavalo, a touca, o lenço, são artifícios usados pelas mães para “deixarem menos armados” os cabelos de suas filhas. O cabelo é um instrumento de identidade do ser humano, em todas as culturas o cabelo tem um significado, que pode partir da estética, perpassando a questões religiosas.

Fran lembra que *“na sua infância a sua mãe sempre fazia tranças e rolinhos em seu cabelo e que todo mundo gostava”*, porém ao ser questionada sobre se gostava ou não de usar o cabelo trançado e com rolinhos, Fran argumentou que

*“agora sim eu gosto, antes eu não gostava muito, pelo fato de ser criticada, mas isso já passou”.*

Na fala da estudante Fran, se percebe o preconceito racial que são vítimas as mulheres negras, preconceito esse em que o cabelo é um estigma, é algo que sempre é visto como negativo, que denota aos negros sempre lembranças de sofrimento, de humilhações, de “piadas e brincadeiras”, de racismo.

Quando a estudante Fran declara que hoje gosta de seu cabelo (ela usa tranças compridas), vê-se como a mulher negra passa por um processo de superação da sua própria identidade, ou seja, o fato de ser negra, ter um cabelo crespo, dá a sensação de culpa. É como se a menina negra fosse culpada por ter aquele cabelo que não é o modelo estético aceitável pela sociedade e isso fosse motivo para ela não querer ter o cabelo crespo.

Ninguém gosta de ser ultrajado, humilhado, vítima de preconceito, portanto, uma menina quando passa por esse processo traz marcas profundas em sua autoestima.

Fran conseguiu passar pela fase de rejeição e hoje consegue fazer sua afirmação como mulher negra, uma vez que em sua fala, deixa claro que agora ela gosta do seu cabelo crespo. Dá-se para entender que esse gostar é sinônimo de identidade, ou seja, ao gostar de seu cabelo crespo, Fran afirma sua identidade negra e a superação de toda a carga racista que o seu cabelo crespo trouxe a ela na infância.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade racial se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. (GOMES, 1996, p. 74)

Identificando-se com a atitude da estudante Fran, “as mulheres negras, necessitam reencontrar a sua identidade, valorizar sua história e suas raízes, se assumir enquanto afrodescendentes e agentes ativos desse processo de democratização racial” (SANTOS, 2009). Assim, a estudante Fran encontrou na família os pressupostos que proporcionaram a ela conseguir perceber-se negra, uma vez que sua mãe sempre a incentivou conservar seu cabelo natural.

Com relação ao cabelo a estudante Dani relembra

*meu cabelo era difícil de crescer, sempre enroladinho, ninguém nunca falou “O seu cabelo é feio”, mas falavam que o meu cabelo estava espetado, mas eu não ligo para essas coisas de cabelo. Na minha infância minha mãe*

*trançava meu cabelo, isso porque dura trançado por muitos dias, não precisa ficar arrumando todo o dia.*

No depoimento de Dani, fica registrado como o cabelo da mulher negra é uma referência de sua relação com o mundo externo. O seu cabelo crespo se estiver solto não pode aparecer com fios “rebeldes”, deve estar todo alinhado. Essa estética capilar é típica do cabelo liso de pessoas brancas. O cabelo crespo, por si só, não é um cabelo esteticamente alinhado. Mesmo que com penteado, cremes e outros meios, o cabelo crespo tende a ter fios desalinhados.

É importante fazer uma reflexão sobre essa estética do cabelo crespo e contraposição ao cabelo liso, enfatizando a ideia do que seria um cabelo alinhado. A ideia de alinhamento passa uma referência de higiene usada para justificar a moda dos alisamentos. Alisar para “ordenar” os fios, tornar mais “arrumado”, acabar com fios “revoltos”. É como se o cabelo crespo fosse “sem ordem”, “rebelde” e “revoltado” e o cabelo liso fosse “ordenado”, “arrumado” e dentro de uma estética mais aceitável.

Nota-se como o discurso racista se apresenta nesse caso, quando o cabelo crespo é mostrado como algo ruim. Dani deixa transparecer o que as pessoas pensam sobre ela, como enxergam seu cabelo. Ela ao dizer que não liga para a estética do cabelo está realizando uma defesa contra os ataques que as pessoas fazem ao cabelo crespo, essa defesa não é um contra-ataque, mas sim, Dani fica na defensiva quando diz não ligar “*para essas coisas de cabelo*”. Se ela não liga, não significa que não saiba que a visão das pessoas sobre a estética do seu cabelo, está carregada com o discurso racista e a ideologia da branquitude.

A estudante Lu tem uma concepção diferente da estudante Dani, pois para Lu o cabelo crespo e solto eram empecilhos na sua infância, pois ela acredita que o cabelo solto não combinava com ela. Vê-se como Lu não percebe a sua identidade negra através do cabelo, para ela o “*cabelo crespo e solto não tem uma aceitação social*”, por isso desde a infância, Lu usava o seu cabelo sempre preso e logo que atingiu a adolescência tratou de alisar seu cabelo, para poder usá-lo solto.

Mesmo reconhecendo-se negra, Lu não consegue assimilar identidade negra com a estética do cabelo, para ela o cabelo da (o) negra (o) não é sinônimo de beleza, ao contrário, o cabelo crespo e solto são sinônimos de não aceitação social, para ela esteticamente o cabelo liso seria o ideal.

Ela se considera negra, mais usa artifícios de negação de sua negritude, deixa claro a sua preferência pela estética branca e mostra que a sua concepção de identidade negra não passa pela estética do cabelo, ter um corpo com a estética negra não seria normal.

Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. (INOCÊNCIO, 2006, p.185)

Para a estudante Sabrina a infância traz recordações de cabelo enroladinho, “*ruinzinho como falam*” (Sabrina). A sua mãe deixava seu cabelo solto em casa, porem na escola o cabelo estava sempre preso, isso é uma demonstração de como o cabelo da mulher negra socialmente é percebido. Dentro do espaço doméstico o cabelo pode estar natural e solto, provavelmente há outros referenciais com a mesma estética de cabelo na família, por isso Sabrina não se sente acuada em usar o seu cabelo natural e solto, mas no ambiente escolar a prática muda, o cabelo apresenta-se preso.

Mais uma vez transparece a ideia de que o cabelo crespo não pode ser apresentado socialmente em sua naturalidade, sendo o cabelo crespo precisa-se prendê-lo para que possa ter aceitação no meio social. É como se o cabelo por não ser liso tivesse obrigatoriamente que estar no mínimo trançado e como relatou Dani “*não precisa ficar arrumando todo dia*”.

### 5.3 ANALISANDO O DISCURSO

A percepção das entrevistadas com relação aos seus cabelos e como construíram suas identidades negras, toma foco em uma questão prioritária, a de que a estética do cabelo não é uma unanimidade entre elas.

Dani e Fran apresentam discursos que remetem a uma identificação resolvida com relação a sua estética negra, mesmo percebendo o racismo. Ambas reconhecem seus cabelos crespos como elementos de sua condição de negra e mantêm posição com relação a não quererem mudar o visual dos cabelos por conta da imposição estética da sociedade.

A concepção da importância do cabelo crespo na composição da identidade de Dani e Fran, marca uma fase de superação de aceitação social, ou seja, mesmo que elas tenham ou venham sofrer racismo devido à estética de seus cabelos, ao assumirem seus cabelos crespos, já estão realizando suas autodefesas, se colocando como negra e com cabelos naturais sempre enfatizando a herança familiar, a ancestralidade. Na fala de Fran, “*agora eu gosto*”, referindo-se ao cabelo, fica claro a superação dos traumas do racismo que a população negra sofre no Brasil, pelo menos ao que se refere à questão do cabelo.

Gostar de seu cabelo natural, é admitir que não se constrange mais com qualquer tipo de ação racista com base no seu cabelo, é determinar a sua negritude, é marcar terreno como cidadã negra brasileira. Assumir um cabelo crespo é assumir não só a naturalidade, mas também é assumir, conhecer e reconhecer suas origens, é assumir referenciais de beleza afro, é assumir uma visão positiva da africanidade.

Já Sabrina e Luana mostraram uma preocupação em serem inseridas no imaginário social de aceitabilidade estético, cujo padrão é da pessoa branca, cabelos lisos.

Ao declararem-se negras, as estudantes Sabrina e Luana se colocam diante de um grande dilema, o de se declarar negra, mas ao mesmo tempo negando uma das principais características da negritude no Brasil, o cabelo crespo. Essa negação não é fácil, não determina uma infância sem conflitos, mas demonstra como tais conflitos não foram superados.

É preciso determinar nos discursos de Sabrina e Luana, que beleza para ambas está relacionada à estética branca. Ao se reconhecerem-se como negras, mas declararem ser simpatizantes da estética do cabelo preso (no caso da Sabrina) ou do cabelo alisado (no caso da Luana), elas deixam de demonstrar qualquer possibilidade de defesa da estética negra.

A aceitação social em um mundo dominado pela cultura branca, faz com que discursos como a de Sabrina e Luana tomem corpo, pois ser negro em uma sociedade dominada pela estética branca não é tarefa das mais fáceis. Se a pele da pessoa diz a que grupo ela participa, então encontrar outros meios de identificação com a estética branca passa a ser meta. Esses meios passam pelo cabelo, pois no corpo negro a mudança mais plausível é a do cabelo. Pode-se cortar, alisar, prender, pintar, esconder.

O cabelo é a parte do corpo que mais recebe mudanças ao longo dos anos da vida de uma pessoa, então uma mulher negra pode através do cabelo, buscar uma identificação com o modelo branco, mesmo que no discurso essa mulher negra insista em se afirmar negra.

Como os negros poderiam construir uma identidade positiva, vivendo numa sociedade que os apresenta vinculados a valores negativos? A construção de uma identidade negra positiva só pode ser feita em oposição a uma identidade legitimadora nacional que os nega. (MARTINS, 2006, p. 9)

Há urgência em buscar mecanismos que possam reforçar a importância da preservação das características, que marcam definitivamente o que é ser negro no Brasil. Se a cor da pele ainda gera grande discussão com relação a quem é ou não negro, então que se estabelece outras marcas corporais para determinar essa pertença étnico-racial. O cabelo crespo pode ser um fator de identidade positiva, uma marca de negritude, uma referência ancestral, uma arma de resistência ao racismo.

Para os grupos negros, no Brasil, a construção da identidade de resistência tem uma especificidade e uma urgência que se inscrevem na maneira de inserção desses indivíduos em nossa sociedade, de modo a alterar os efeitos da identidade legitimadora. (MARTINS, 2006, p. 14)

É plausível que meninas negras adolescentes façam a negação da estética do cabelo crespo, valorizando a estética branca, já que a mídia (televisão, jornais, revistas, anúncios na Internet, livros, etc.) retratam uma sociedade cujo modelo padrão de mulher é a mulher branca. Fazer parte da sociedade é tentar ser similar a alguma característica estética branca, como a cor da pele denuncia a diferença, então as meninas buscam outros artifícios, como o cabelo.

As estudantes entrevistadas deixaram em suas falas, a ideia de que ser negra no Brasil é passar por processo que vai da exclusão, a assimilação, chegando até a aceitação, ou seja, primeiro a mulher negra é excluída por ser negra e por seus traços negróides, incluindo o cabelo crespo, depois essa mulher negra passa a buscar mecanismo de assimilação da estética do outro (por exemplo, o alisamento do cabelo) e por último a aceitação de que mesmo mudando a sua estética, essas mulheres negras jamais serão mulheres brancas.

Há de se lembrar que as estudantes estão inseridas em um município, que oficialmente traz a construção histórica de pertencimento étnico-racial de origem italiana, portanto, ser branca em Colombo é estar inserida na estética dominante, ou seja, a estética branca. Romper com isso é uma desafio para as mulheres negras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população negra ao longo da construção histórica do Brasil foi construindo marcas para situar sua cultura e estabelecer signos de identificação étnica, com o objetivo de não deixar esmorecer a sua força sua própria história.

Nessa luta as mulheres negras tem um papel muito importante, são as porta-vozes de um povo que foi vítima de toda forma de desconstrução histórica e cultural, mas que resistiu e ainda resiste na cor de sua pele, na sua dança, na sua culinária, na sua religiosidade, na sua música, no seu corpo, no seu cabelo.

A presença das mulheres negras no processo de manutenção cultural do povo negro sempre foi determinante, são as mulheres negras que resistiram à miscigenação e a perda da identidade que ela provocou na população negra, resistência essa construída também nos penteados, nas tranças, na manutenção da naturalidade dos cabelos das meninas.

O cabelo é identidade, é referencial cultural, é resistência, por isso as mulheres negras ao conservarem seus cabelos crespos estão definindo a sua pertença, estão referenciando a que grupo social pertencem, além de estarem na resistência aos modelos impositivos de beleza no qual a sociedade coloca como corretos.

É importante perceber como a mulher negra é importante para a manutenção da cultura negra, uma vez que no Brasil cada vez mais assume posições de importância na sociedade, dependendo menos da figura masculina. Nesse sentido, a mulher negra apresenta-se como a chefe de família, assumindo a educação de filhas (os) e todos os compromissos domésticos. Isso remete a mulher negra, o compromisso de manter acesa a luta para que os referenciais negros sejam repassados para as novas gerações.

Nas entrevistas com as estudantes vê-se como a presença da mãe negra é importante na construção da identidade dessas meninas, pois a relação entre mães e filhas negras é fortalecida quando se trata da questão do cabelo, pois o cuidado com o cabelo da mulher negra na infância passa pelo zelo das mães e isso aproxima a identidade da mãe, com a identidade que a filha irá construir de si mesmo.

Se uma mulher negra tem na infância seus cabelos tratados por sua mãe, dentro de uma estética cultural negra, os ensinamentos podem ser repassados para futuras gerações. Quando uma mãe negra trança o cabelo de sua filha, ao mesmo



tempo ela esta cuidando de sua filha e também mantendo as tradições culturais da população negra. Sem perceber essa mulher estará conservando a identidade negra dentro de sua família, além de estar sendo uma guardiã da cultura negra, na qual o cabelo tem uma representação importante.

Ser negra (o) no Brasil é estar sempre a frente de uma luta que não é somente das negras (os), mas sim, é um luta de toda a sociedade brasileira, pois conservar a identidade negra, é conservar parte da história do Brasil, é manter viva a cultura afro-brasileira presente no nosso cotidiano.

Quando se percebe uma pessoa negra com o cabelo crespo não podemos pensar aquele cabelo apenas como estética, apenas como moda, mas sim, como permanência cultural, como símbolo de orgulho étnico, de reconhecimento histórico de referenciais culturais. O cabelo crespo passa a ser como um passaporte para que negras e não negras adentre no universo cultural brasileiro e possam entender que além da branquitude, temos que perceber que as negras trouxeram e trazem uma contribuição importantíssima na construção do modelo estético do que é ser brasileiro.

Assim, é necessário criar exemplos valorativos de mulheres negras, que se orgulham por sua etnia, cor de pele e principalmente, pela estética do seu cabelo. Quanto mais mulheres negras mostrarem seus cabelos naturais, mais referências as meninas negras terão para se espelharem e não terem vergonha ou medo de assumirem suas identidades.

Para as meninas e mulheres que vêm a conhecer os movimentos pelos direitos da mulher, há um vácuo de modelos negros nos quais se espelhar, mas não por falta de pessoas atuantes e sim por causa da invisibilidade. É preciso que haja a iniciativa de buscar figuras inspiracionais, caso contrário os nomes mais celebrados serão extremamente limitados.(ARRAES, 2014)

As meninas negras, como todas as crianças e adolescentes, crescem e criam suas identidades a partir dos exemplos que percebem durante a fase de formação, portanto, é imprescindível que elas possam ser reconhecidas em exemplos positivos de identidade negra, para quando chegarem a fase adulta possam orgulhar-se de suas origens, da cor de sua pele, dos lábios, do seu nariz e do seu cabelo.

Ser negra é ser mulher em todas as suas contradições, mas nunca perder o rumo da sua história e da sua identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arraes, Jarid. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. 2014. Artigo – Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/23591-feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes> Acessado em 28/02/2014.

BARBOSA, Erly Guedes & SILVA, Silvano Alves Bezerra. **Mulheres invisíveis: a imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro**. Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - São Luís - MA, Jan/Dez de 2009 - Ano XIX - Nº 5 - Vol. I.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado

BRASIL. Decreto de Lei N. 7716 de 5 de Janeiro de 1989. Brasília, DF.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **TRANÇA AFRO – a cultura do cabelo subalterno**. 2010, 15 p. (Monografia) - Universidade de São Paulo - USP Escola de Comunicações e Artes – ECA Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, São Paulo.

Federal, 1988.DIEESE. Sistema PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego). **A inserção da mulher no mercado de trabalho**. Março, 2013, 12 p. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analisePED/2013/2013pedmulhermet.pdf> Acessado em 13/12/2013

FÉLIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula**. Revista África e Africanidades – Ano 3 – n. 11 novembro de 2010 Seminário Interdisciplinar de Pesquisa – UNEB – Universidade do Estado da Bahia, 2010. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br) Acessado em: 12/11/2013.

Gomes, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf> Acessado em: 22/12/2013

\_\_\_\_\_. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

\_\_\_\_\_. **Educação, Raça e Gênero: relações imersas na alteridade**. *Cadernos Pagu*. São Paulo, n. 6-7, p. 67-82, 1996.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.21, pp. 40-51.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth & SANTOS, Adriano Rodrigues dos. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), **Dilemas e desafios na contemporaneidade sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade**. Campinas, 2012.

Identidade e Branquidade – Conflitos no universo infanto-juvenil. Luciene Cecília Barbosa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. Educação Africanidades Brasil, v.1, Brasília: CEAD, 2006.

LODY, Raul. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004.

MALAQUIAS, Rosângela. **Cabelo Bom. Cabelo Ruim**. Coleção Percepções da Diferença – Negros e brancos na escola. Vol. 4. NEINB – Núcleo de Apoio a Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro da Universidade de São Paulo – USP. SP, 2007.

MARTINS, ROSELI FIGUEIREDO. **A identidade de meninas negras: o mundo do faz de contas**. 2006, 144 p. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. UNESP/Campus

MEC (Ministério da Educação e Cultura). **Cresce o número de pessoas que se autodeclararam negras, segundo o IBGE**. 2012. Artigo. FUNDAÇÃO PALMARES. Brasília. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/2012/07/cresce-o-numero-de-pessoas-que-se-autodeclararam-negras-segundo-o-ibge/> Acessado em 20/02/2014

MEC (Ministério da Educação e Cultura). **Educação Africanidades Brasil**. Brasília, 2006, 276 p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

NEVES, Marcele. **Salões investem no cabelo natural para valorizar identidade negra**. Correio, Salvador, 14 nov. 2013. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/saloes-investem-no-cabelo-natural-para-valorizar-identidade-negra/> Acessado em: 24/11/2013.

SANT'ANNA, **O Canibalismo Amoroso**. Ed. Roxo 4a ed., Rio de Janeiro: 1993.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro , n. 38, dez. 2000 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2000000200003>.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira**. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com) Acessado em 30/01/2014

SILVA, Maria Nilza. **A Mulher Negra**. Revista Espaço Acadêmico – Ano II – Nº 22 – Março de 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm> Acessado em 22/01/2014

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil Hoje**. SP, Ed. Moderna, 1994.

